Paulo Freire
[EDUCAR PARA TRANSFORMAR]

EDUCAR PARA TRANSFORMAR

[ESTUDAR NÃO É UM ATO DE CONSUMIR IDÉIAS, MAS DE CRIÁ-LAS E RECRIÁ-LAS.]
PAULO FREIRE

FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL
Presidente
Jacques de Oliveira Pena

Diretor Executivo de
Desenvolvimento Social
Almir Paraca Cristóvão Cardoso

Diretor de Ciência &
Tecnologia & Cultura
Luis Fumio Iwata

Assessoras
Carmem dos Santos Araújo
Maria Helena Langoni Stein

PETROBRAS
Presidente
José Sergio Gabrielli

Gerente Executivo de
Comunicação Institucional
Wilson Santarosa

Gerente de Comunicação Nacional
Luis Fernando Nery

Coordenadores
Janice Dias
Lenart Nascimento Filho

INSTITUTO PAULO FREIRE
Diretor Geral
Moacir Gadotti

Diretores Pedagógicos
Ângela Antunes
Paulo Roberto Padilha

Diretora de
Relações Institucionais
Salete Valesan Camba

Coordenadores
Jason Mafra
Sônia Couto

Coordenação Geral
Mercado Cultural

Coordenação de Produção
Flávia Diab

Coordenação de Administração
Cléo Assis

Texto
Carlos Rodrigues Brandão

Consultoria
Alípio Casali, Ângela Antunes, Jason Mafra,
José Eustáquio Romão, Lisete Arelaro,
Moacir Gadotti, Paulo Roberto Padilha, Ricardo Hasche,
Sônia Couto, Vera Barreto

Legendas
Ulysses Cosenza

Curadoria
Ana Maria Araújo Freire,
Instituto Paulo Freire, Lutgardes Costa Freire

Produção
Noêmia Inohan

Revisão de Textos
Beatriz di Paoli

Imagens (Acervos)
Ana Maria Araújo Freire, Instituto Paulo Freire,
Lutgardes Costa Freire, Madalena Freire, Fátima Freire

Projeto Gráfico
Lula Ricardi - XYZdesign

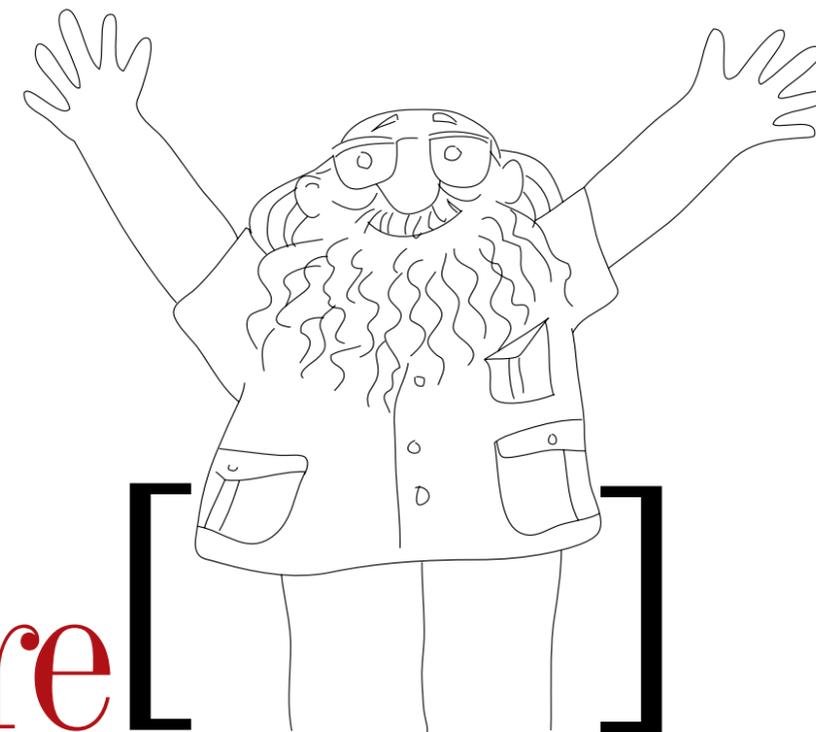
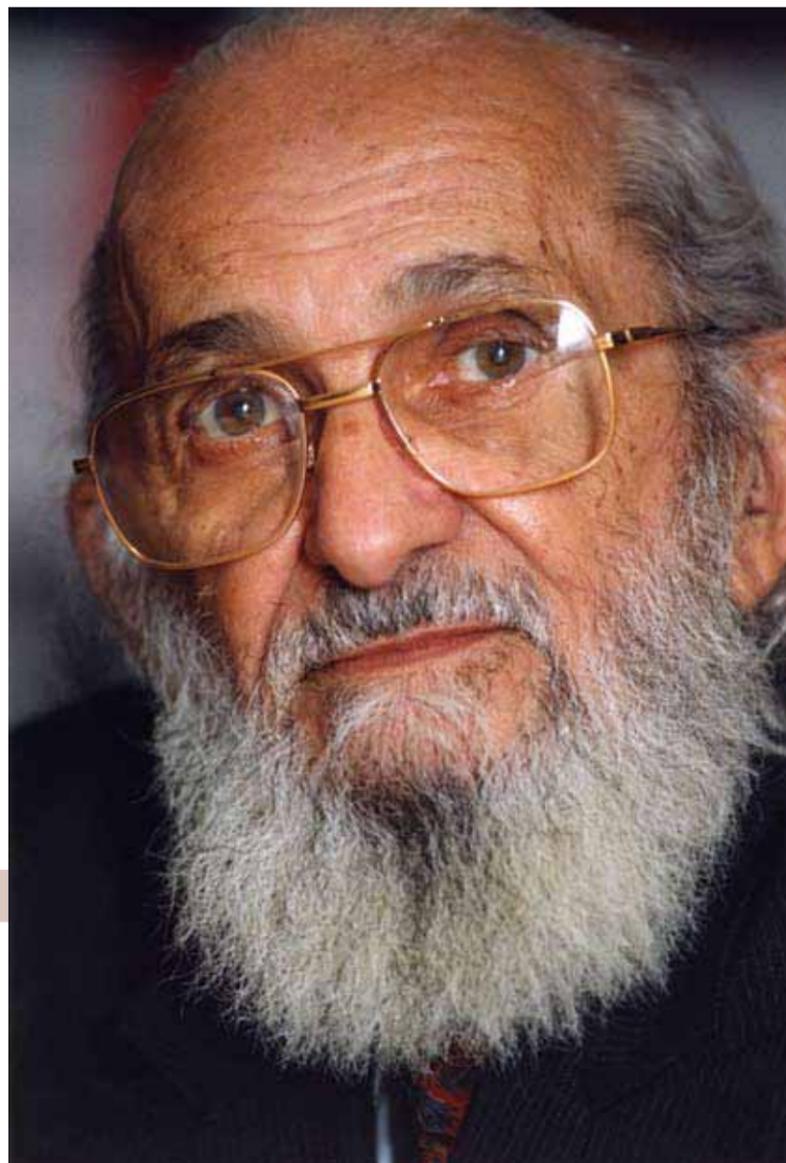
Assistência de Arte
Saulo Flores

Desenho de Paulo Freire, adaptado de
ilustração criada por Claudius Ceccon.

B817p Brandão, Carlos Rodrigues.
Paulo Freire, educar para transformar: fotobiografia / Carlos Rodrigues Brandão. São Paulo: Mercado Cultural, 2005.
140 p.

ISBN 85-98757-03-9
Projeto Memória "Paulo Freire - educar para transformar"

1. Educação 2. Freire, Paulo - Biografia - Obras ilustradas 3. Freire, Paulo - Vida e obra - Fotografia I. Título

CDD 21.ed. 370.92

EDUCAR PARA TRANSFORMAR

Paulo Freire é um dos mais importantes educadores do século XX e um dos mais expressivos pensadores do nosso tempo.

Nascido em 19 de setembro de 1921, é o criador de uma autêntica teoria do conhecimento e autor de cerca de 40 obras, traduzidas em mais de 20 idiomas.

A infância pobre, no Recife, nordeste brasileiro, foi o contato primeiro com uma realidade que se tornou cenário para sua inovadora prática educacional.

Ainda menino, aprendeu a escrever à sombra das mangueiras, no quintal da casa, com os pais. Foi no contato permanente com trabalhadores – quando diretor do SESI recifense – e, também, nos movimentos populares das décadas de 1950 e 1960, que buscou a inspiração para formular suas concepções, especialmente para a elaboração de seu método de alfabetização e educação de adultos.

A Fundação Banco do Brasil e a Petrobras (por meio do Programa Petrobras Fome Zero), em parceria com o Instituto Paulo Freire, desenvolveram, no Projeto Memória 2005, a possibilidade de acesso de brasileiros e brasileiras à trajetória de mais um ilustre compatriota.

Paulo Freire dedicou-se à causa das classes oprimidas, especialmente por meio da alfabetização, concebendo-a e aplicando-a como instrumento de conscientização e libertação.

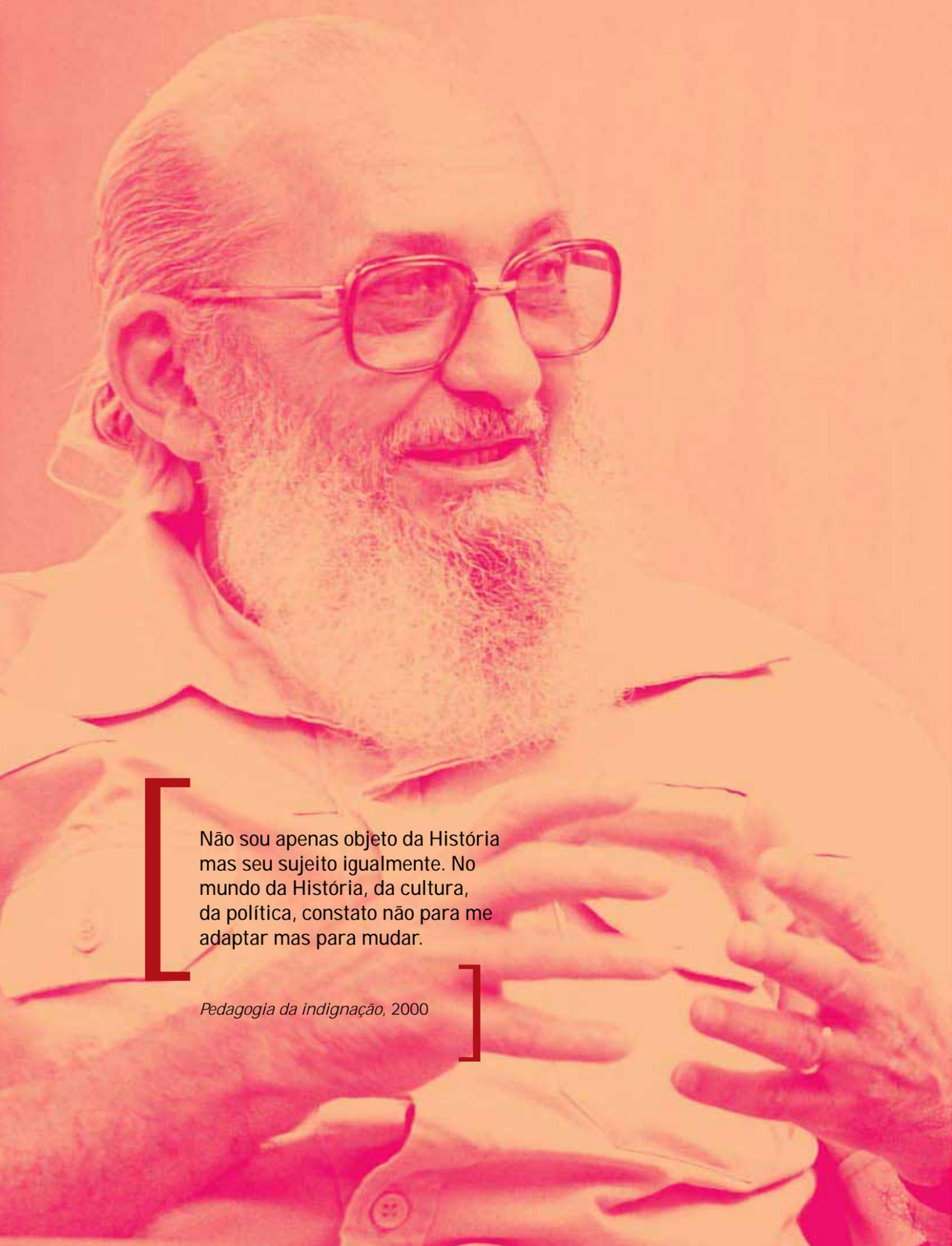
Este livro fotobiográfico, que será distribuído para seis mil bibliotecas de todo o país, é resultado de um intenso e amplo trabalho de pesquisa coletiva, que buscou, nos textos, documentos, ilustrações e testemunhos, os episódios mais relevantes da vida e da obra desse grande nordestino, cidadão do mundo.

Esta homenagem a Paulo Freire é a expressão de um compromisso com a justiça, a democracia e a humanização. Para a Fundação Banco do Brasil, a Petrobras e o Instituto Paulo Freire, é, além disso, uma oportunidade para registrar e divulgar um legado expressivo de nossa cultura, na perspectiva de estimular outros brasileiros a escrever páginas importantes de nossa história.

A partir de agora, prezado leitor, adentre o universo de Paulo Freire, não apenas para apreciá-lo – porque ele apresenta muitos aspectos para a fruição estética –, mas tente perceber nele as referências para a construção de um mundo no qual seja mais fácil amar, já que o mundo não é, está sendo, como dizia o próprio Paulo Freire. Boa leitura.

INSTITUTO PAULO FREIRE | PETROBRAS | FUNDAÇÃO BANCO DO BRASIL

Índice

PAULO FREIRE
[NINGUÉM LIBERTA NINGUÉM, NINGUÉM SE LIBERTA SOZINHO: OS HOMENS SE LIBERTAM EM COMUNHÃO.]

Não sou apenas objeto da História mas seu sujeito igualmente. No mundo da História, da cultura, da política, constato não para me adaptar mas para mudar.

Pedagogia da indignação, 2000

1. Paulo Freire

Paulo Freire é um pensador e educador brasileiro. Ele viveu a sua vida, aqui no Brasil e em outros países do mundo, entre o começo dos anos 20 e o quase final dos anos 90 do século XX. Entre nós, poucas pessoas marcaram tanto as idéias e os ideais desses anos todos quanto esse homem que dedicou a sua vida e o seu trabalho à formação de crianças, de jovens e de adultos por meio da educação.

Em Bruxelas, recebendo o Prêmio Rei Balduino.

Entre os títulos que recebeu, estão os de *Doutor Honoris Causa* em Universidades de vários países, como Inglaterra, Bélgica e Estados Unidos.

Recebendo o título de *Doutor Honoris Causa* na Universidade Complutense de Madri, em dezembro de 1991. Em baixo, doutoramento na Bélgica.

Com Mário Covas, no recebimento do Prêmio Moinho Santista, em 1995.

Recebendo, na Câmara Municipal de São Paulo, o Título Cidadão Paulistano, em 1986.

Prêmio Unesco de Educação para a Paz, 1986.

Recebeu prêmios, medalhas, condecorações e títulos em todos os continentes.

Durante boa parte dos anos dos governos militares no Brasil, os seus livros foram proibidos, as suas idéias foram consideradas perigosas e o seu próprio nome foi impedido de ser pronunciado em nossas escolas e universidades. No entanto, ao longo desse mesmo tempo sombrio, e depois dele, poucos brasileiros receberam tantas homenagens e tantos títulos aqui e fora do Brasil. Ao professor Paulo Freire foi concedido o título de *Doutor Honoris Causa* por quase quarenta universidades do Brasil e de outros países. De Sul a Norte de nosso país, mais de três centenas de escolas públicas e particulares têm o seu nome.

Pensadores e intelectuais debatem e vivenciam as idéias de Paulo Freire. Acima, com o amigo e antropólogo Darcy Ribeiro.

Com Frei Betto, teólogo, escritor e educador popular, cujo trabalho se referencia na concepção freireana.

Freire com o educador e companheiro de idéias Myles Horton.

Com o também educador e escritor Ivan Illich, em Genebra, 1971.

Seus livros seguem sendo re-editados, ano após ano, em português e em inúmeras outras línguas. Eis um exemplo. Um de seus últimos trabalhos tem este nome: *Pedagogia da autonomia – saberes necessários à prática educativa*. O livro foi publicado em 1996. Em 2005, ele chegou à sua 31ª edição, com mais de seiscentos e cinqüenta mil exemplares vendidos.

Pensadores, filósofos, cientistas, artistas, líderes religiosos, educadores e militantes de movimentos sociais e populares conhecem, debatem e aplicam as idéias contidas nos seus trabalhos. As suas teorias, as reflexões e práxis até hoje estão presentes em debates que vão da educação até as questões ambientais e os problemas do destino da Terra e da Vida.

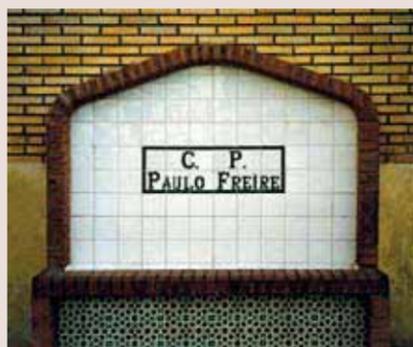
Dentro e fora de universidades de todo o mundo, as suas propostas pedagógicas seguem sendo o fundamento do trabalho de inúmeros educadores e centros de educação. E são também temas de incontáveis artigos científicos, livros pedagógicos, teses e simpósios de estudos sobre a pessoa, a sociedade e a educação.

Contam-se às centenas as dissertações acadêmicas, em várias línguas, sobre suas idéias e trabalhos. A bibliografia de estudos brasileiros e internacionais a respeito da "obra de Paulo Freire" é uma das mais amplas, dentre as que foram dedicadas a educadores do século XX[1]. Existem vários centros e institutos "Paulo Freire" espalhados por vários países e comprometidos com o aprofundamento e a difusão de suas idéias e da educação popular. E as propostas concretas de Paulo Freire para uma educação humanista libertadora seguem sendo a matéria-prima e o fundamento de trabalho pedagógico de inúmeros educadores e instituições pedagógicas.

Paulo Freire sonhou, criou e colocou em prática uma verdadeira teoria da educação, propondo um trabalho que passa pela educação escolar formal, mas que vai bem além dela. Algo que, em verdade, vale como um programa de uma plena e profunda formação humana, em que o sentido e o valor da própria educação foram muito alargados.

Uma boa imagem dele seria a do homem que, olhando a escola, vê a pessoa humana. Vendo a pessoa, vislumbra o seu mundo. E, vendo o seu mundo social tal como ele é, imagina o melhor dos mundos para todas e todos nós.

[1] Uma relação bastante criativa e completa de trabalhos de e sobre suas idéias pode ser encontrada nas páginas de *Paulo Freire – uma biobibliografia*, coordenado por Moacir Gadotti e outras pessoas, editado por meio de parceria entre o Instituto Paulo Freire, a Editora Cortez e a UNESCO. Em sua primeira edição, o livro foi publicado em São Paulo, no ano de 1996.

Escolas, institutos, bibliotecas, cátedras, centros, núcleos de estudos e pesquisas, espaços culturais e tantas outras instituições que levam seu nome no Brasil e no mundo.

Centro de Educação de Adultos em Málaga, Espanha.

Centro de Educação Paulo Freire em Huelva, na Espanha.

Escola Paulo Freire no Rio de Janeiro.

Centro Educativo Paulo Freire em Arequipa, Peru.

Paulo Freire esculpido (2º da esquerda para a direita), ao lado de Pablo Neruda, Mao Tsé-Tung e outros.

Na Suécia, existe uma praça na capital, Estocolmo, onde estão esculpidos, em algumas estátuas bem modernas, o rosto e o corpo de alguns homens e mulheres cujas palavras, idéias e ações foram de uma grande relevância para a construção de um mundo humano mais justo e livre. Pois uma dessas estátuas retrata Paulo Freire. Eis uma pequena mostra do reconhecimento internacional dado a esse educador pernambucano, que se tornou em poucos anos um "homem do mundo".

Tendo sido a vida inteira um pensador da condição humana e do que a educação pode fazer para nos formar e libertar, ele pensou também uma nova ética, uma nova teoria do conhecimento e até mesmo uma nova estética, pois, em suas idéias, o saber, a virtude, a liberdade, a solidariedade, a beleza e a vocação humana ao amor e à felicidade constituíam momentos de um mesmo todo.

Sendo um pedagogo – um homem que pensa e pratica a educação – ele foi também um original criador de idéias novas sobre a pessoa humana e o drama de sua existência em

Trabalho educacional em Monte Mário, República Democrática de São Tomé e Príncipe. O poder transformador da educação e a análise crítica do mundo.

tempos tão contraditórios e difíceis. Sendo o inventor de um método de alfabetização, ele foi também o criador de uma nova e revolucionária pedagogia. Como um teórico da educação, ele a levou até os seus mais inesperados limites e nunca deixou de associar pedagogia e política.

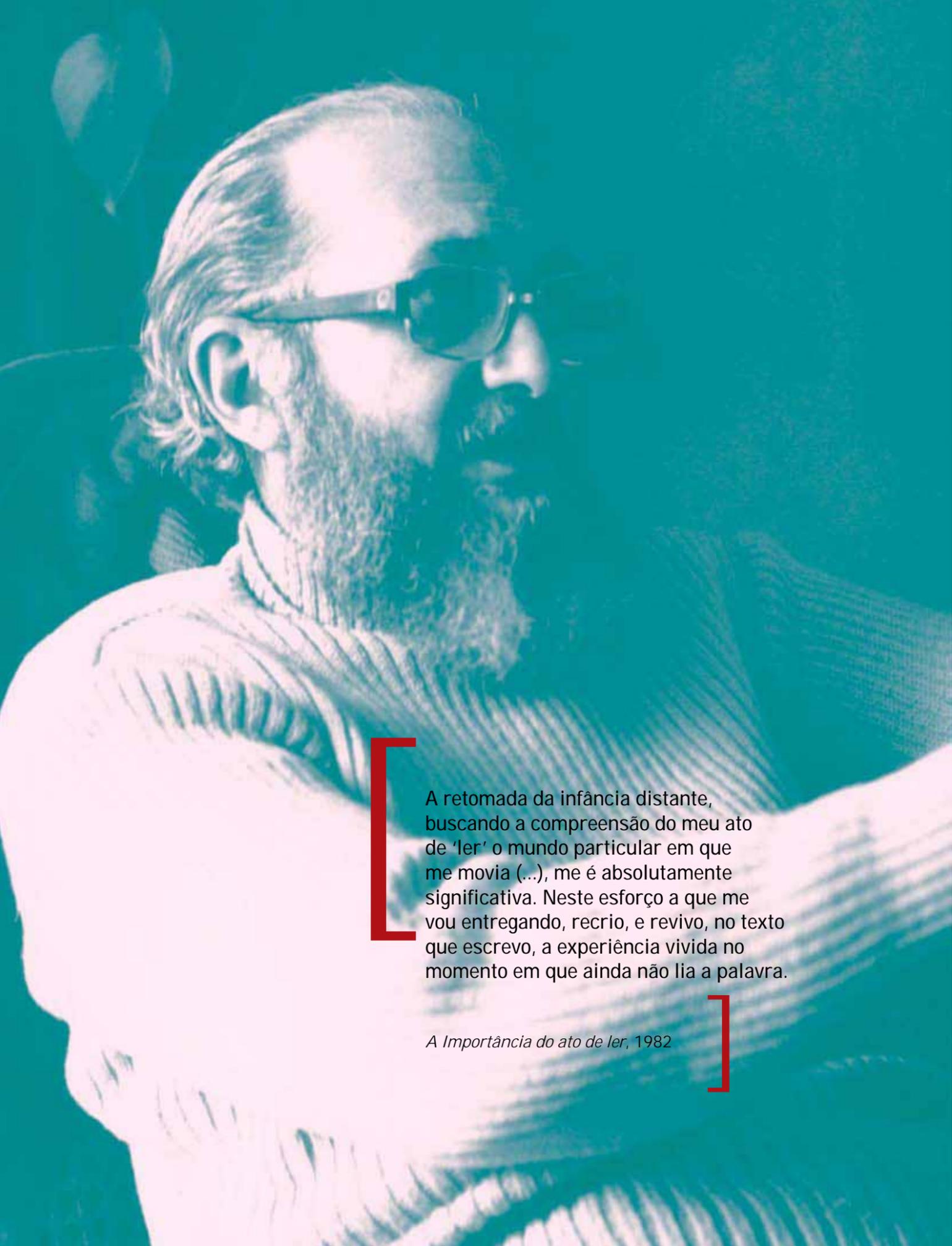
E por que "política"? Porque ele sempre considerou que uma das tarefas da pessoa que educa é formar pessoas para que elas se reconheçam co-responsáveis na construção e na transformação de suas vidas, das vidas dos outros com quem convivem e das sociedades onde todas e todos nós vivemos nossas vidas e escrevemos com as próprias mãos os nossos destinos.

Paulo Freire concebeu uma educação que, da criança ao adulto, desenvolvesse na pessoa que aprende algo mais do que apenas algumas habilidades instrumentais, como saber ler e escrever palavras, ao lado de algumas habilitações funcionais dirigidas ao simples exercício do trabalho, como o saber usar as palavras aprendidas para ser um pedreiro, um contador, um advogado ou um professor.

Ao imaginar uma educação libertadora, como ele a batizou, pensou em um trabalho pedagógico com um profundo e largo sentido humano. Um ofício de ensinar-e-aprender

1º Seminário Nacional de Alfabetização, Monte Mário, República Democrática de São Tomé e Príncipe, 1976.

destinado a desenvolver em cada educando uma mente reflexiva, uma amorosa sensibilidade, um crítico senso ético e uma criativa vontade de presença e participação da pessoa educada na transformação de seu mundo.

Quem foi esse homem, cujo nome completo é Paulo Reglus Neves Freire? Onde nasceu e como viveu os anos da infância e da juventude? Como ele foi educado e se formou? Como começou e deu seqüência à sua vida de educador? O que ele pensou, criou e escreveu, para tornar-se um nome de referência entre as pessoas mais inovadoras e essenciais de nossos tempos?

A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de ‘ler’ o mundo particular em que me movia (...), me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio, e revivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra.

A Importância do ato de ler, 1982

2. Um Menino do Nordeste à Sombra das Mangueiras

Paulo Freire nasceu em 19 de setembro de 1921, no bairro de Casa Amarela, no Recife, capital do estado de Pernambuco. Uma primeira grande guerra mundial havia acabado poucos anos antes. Não seria a última. Antes de ele concluir os seus estudos e de ingressar na vida profissional, uma outra iria começar.

Ainda pequeno, Paulo Freire aprendeu a ler e a escrever à sombra das mangueiras no quintal desta casa onde nasceu.

O pai, Joaquim Temístocles Freire, e a mãe, Dona Edeltrudes, com os quais iniciou-se na leitura e na escrita. Ao lado, Paulo Freire com 1 ano de idade.

Paulo Reglus Neves Freire
Filho de Joaquim Themistocles Freire
e de Edelthudes Neves Freire
Neto paterno de Ceciliano Demetrio Freire
e de Alcina Luiza Freire
Neto materno de José Xavier B. das Neves
e de Adosinda Flores Neves
Nasceu no dia 19 de Setembro de 921 às 0? horas e ___ minutos, na casa da rua do Encanamento 724 em Casa Amarella
Assinatura da mãe Edelthudes Neves Freire
Assinatura do pai

Trechos do "livro do bebê" de Paulinho. O relato de suas primeiras experiências.

Foi um dos quatro filhos de um pai oficial da polícia militar e de uma mãe bordadeira. Viveu a infância e a juventude em uma família não propriamente pobre ao extremo, mas "de poucas posses", como era costume dizer-se então. Desde cedo viveu o desejo de aprender. Antes de ir para a escola, começou a se alfabetizar em casa, com a ajuda de sua mãe. Quando ele sentou pela primeira vez em um banco de sala de aula, já quase sabia ler e escrever.

Paulo Freire, o menor, junto com os irmãos Temístocles, Stela e Armando, na década de 1920.

A imagem de um menino do começo do século XX aprendendo a ler e a escrever com rabiscos de gravetos sobre a terra dos fundos de um quintal será uma lembrança da vida inteira. Anos mais tarde, quando ele já era então um "cidadão do mundo", é ao quintal da casa, às suas árvores e a outros seres vivos de sua infância que ele se voltaria nas primeiras páginas de um livro que começa com algumas carinhosas lembranças da meninice e da adolescência. Um livro que não por acaso recebeu este carinhoso nome: *À sombra desta mangueira.*

> Aquele quintal foi a minha imediata objetividade. Foi o meu primeiro não-eu geográfico, pois os meus não-eus pessoais foram meus pais, minha irmã, meus irmãos, minha avó, minhas tias e Dadá, uma bem-amada mãe negra que, menina ainda, se juntara à família nos fins do século passado. Foi com esses diferentes não-eus que eu me constituí como eu. Eu fazedor de coisas, eu pensante, eu falante.
> ...
> Em certos momentos, a amorosidade pelo nosso quintal se estende a outros e termina por se alojar numa área maior a que nos filiamos e em que deitamos raízes, a nossa cidade.
> Antes de tornar-me um cidadão do mundo, fui e sou um cidadão do Recife, a que cheguei a partir do meu quintal, no bairro de Casa Amarela.

[2] FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira.* São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995, pp. 24-5. Grifos do próprio autor.

Como acontecia com muitos meninos de seu tempo, Paulo Freire iniciou os seus estudos numa pequena escola na casa da própria professora. Eunice Vasconcelos era o seu nome e, mais tarde, ele dedicou doces páginas de lembranças a ela. Com 10 anos de idade, mudou-se com a família para a cidade de Jaboatão, ao lado de Recife.
Perdeu o pai quando tinha treze anos. As condições financeiras da família agravaram-se; esse foi um outro motivo pelo qual ele se atrasou em seus estudos do "curso primário" e, apenas aos dezesseis anos, ingressou no "curso ginasial".

Paulo ainda menino.

> Eu fiz a escola primária exatamente no período mais duro da fome. Não da "fome" intensa, mas de uma fome suficiente para atrapalhar o aprendizado. Quando terminei meu exame de admissão, era alto, grande, anguloso, usava calças curtas, porque minha mãe não tinha condições de comprar calças compridas. E as calças curtas, enormes, sublinhavam a altura do adolescente. Eu consegui fazer, Deus sabe como, o primeiro ano do ginásio com 16 anos. Idade com que meus colegas de geração, cujos pais tinham dinheiro, já estavam entrando na faculdade. Fiz esse primeiro ano de ginásio num desses colégios privados, em Recife: em Jaboatão só havia escola primária. Mas minha mãe não tinha condições de continuar pagando a mensalidade e, então, foi uma verdadeira maratona para conseguir o colégio que me recebesse com bolsa de estudos. Finalmente encontrou o Colégio Osvaldo Cruz e o dono desse colégio, Aluízio Araújo, que fora antes seminarista, casado com uma senhora extraordinária, a quem eu quero um imenso bem, resolveu atender o pedido de minha mãe. Eu me lembro que ela chegou em casa radiante e disse: "Olha, a única exigência que o Dr. Aluízio fez é que você fosse estudioso".[3]

[3] Esse depoimento foi publicado originalmente na revista *Ensaio*, n. 14, de 1985, p. 5.

> Gosto de ser gente porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismos.
>
> *Pedagogia da autonomia*, 1997

3. O Professor Paulo Freire: os Começos de uma Carreira.

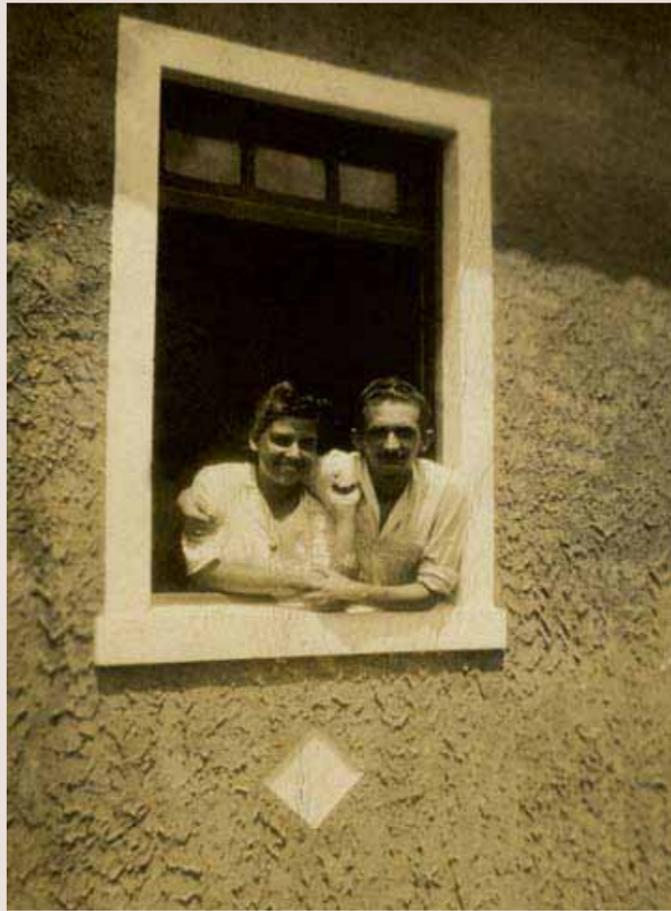
Quando era ainda um estudante de escola, o menino Paulo iria começar a descobrir uma das "paixões" que o acompanhariam por toda a vida: a palavra, o seu valor, seus segredos, seus mistérios. Entre os anos da adolescência e os da juventude, dedicou-se por conta própria a estudos de filologia e de filosofia da linguagem. Antes mesmo de completar o seu curso na Faculdade de Direito do Recife, Paulo Freire já lecionava Língua Portuguesa. Anos mais tarde, ele demarcou assim o período da descoberta de seu desejo de tornar-se um educador:

Em algum momento, entre os 15 e os 23 anos, descobri o ensino como minha paixão.[4]
Antes de mais nada, devo dizer que ser um professor tornou-se uma realidade, para mim, depois que comecei a lecionar. Tornou-se uma vocação, para mim, depois que comecei a fazê-lo. Comecei a dar aulas muito jovem, é claro, para conseguir dinheiro, um meio de vida; mas quando comecei a lecionar, criei dentro de mim a vocação para ser um professor.
Eu ensinava gramática portuguesa, mas comecei a amar a beleza da linguagem. Nunca perdi essa vocação.
...
Ensinando, descobri que era capaz de ensinar e que gostava muito disso. Comecei a sonhar cada vez mais em ser um professor. Aprendi como ensinar, na medida em que mais amava ensinar e mais estudava a respeito.[5]

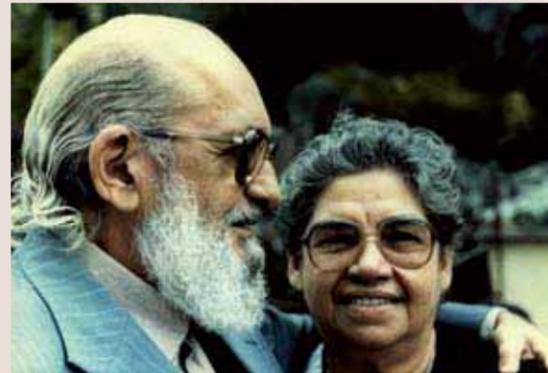
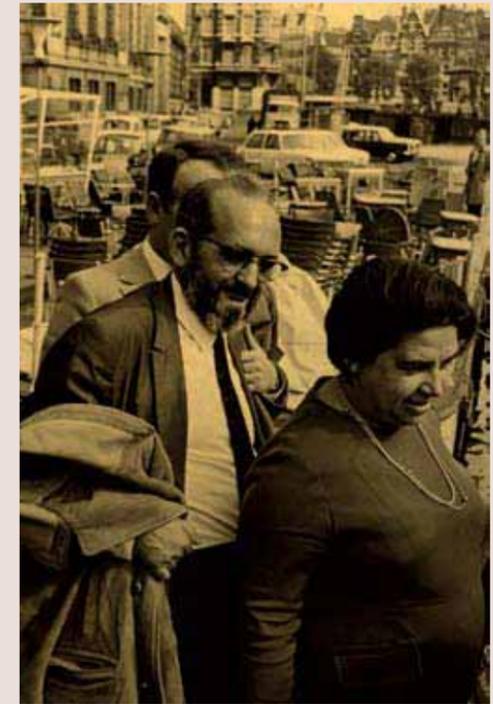
No Colégio Osvaldo Cruz, no Recife, como bolsista, conseguiu concluir seus estudos secundários. Na década de 1940, retornaria, agora, como professor de língua portuguesa.

[4] FREIRE, Paulo & FREI BETTO (CHRISTO, Carlos Alberto Libanio). *Essa escola chamada vida*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 8.
[5] Esse depoimento está no livro *Medo e ousadia: o cotidiano do professor*, publicado pela Editora Paz e Terra, em 1987, página 38, em que Paulo Freire conversa com o professor norte-americano Ira Shor.

Em 1947, Paulo Freire formou-se em Direito, mas logo abandonaria a profissão, que praticamente não chegou a exercer. A paixão pela educação o conduziu para defender tese para a Cadeira de História e Filosofia da Educação, na Escola de Belas Artes de Pernambuco. Tese que seria seu primeiro livro.

Aos vinte e dois anos de idade, Paulo ingressou na Faculdade de Direito do Recife. Depois de formado, ele praticamente não exerceu a profissão de advogado. A educação, a escola e a sala de aula o chamariam cedo e para toda a vida.
Em 1944 Paulo Freire casou-se com Elza Maia Costa de Oliveira, com quem teve cinco filhos: Maria Madalena, Maria Cristina, Maria de Fátima, Joaquim e Lutgardes. As filhas seguiram a vocação dos pais, tornando-se professoras. Elza era também professora e, várias vezes, entre conversas, conferências e por escrito, Paulo fazia referência à amorosa e lúcida presença dela em sua vida e em suas idéias. Viveram quarenta e dois anos de casamento, entre Recife, Brasília, as cidades dos países do exílio e, após o retorno, São Paulo.

Em 1944,
Paulo Freire casa-se com a professora primária Elza Maia Costa de Oliveira, aquela que se tornaria a mãe dos seus filhos, a companheira de luta comprometida com o trabalho libertador.

Abril de 1969, Cambridge, Estados Unidos. Paulo Freire, Elza e os filhos Joaquim e Lutgardes, durante o exílio.

Freire (à direita) e Elza, reunidos com grande parte da sua família, em 1957.

Com Elza, Paulo viveu 42 anos, uma vida de amor, diálogo, generosidade e cumplicidade. Ela foi sua grande encorajadora nas discussões pedagógicas.

Paulo Freire e Elza em família: filhos, filhas, noras, genros e netos.

Desde jovem, Paulo Freire envolveu-se na defesa dos direitos dos trabalhadores, atuando nos movimentos populares e como diretor do SESI.

Durante dezessete anos ele trabalhou no Setor de Educação do SESI do Recife. Partindo de suas próprias vivências como um estudante em boa medida autodidata, como um participante da Ação Católica e como um educador já então inteiramente aberto às novas tendências pedagógicas do pós-guerra, Paulo Freire dedicou-se a um intenso trabalho de formação de educadores de crianças e de criação de círculos de diálogos entre professores e pais de alunos. Uma pedagogia centrada no pleno respeito ao outro, no diálogo e na participação ativa de todos os educandos começava a nascer ali.

Paulo Freire, ao centro, com uma turma de formandos do SESI.

Durante discurso no SESI, na década de 1950, período em que conheceu de perto a realidade e as necessidades do adulto trabalhador analfabeto. Base para sua concepção pedagógica transformadora.

Quando Paulo Freire deixou o SESI, o Brasil e o mundo começavam a viver uma série de mudanças econômicas e políticas cujos efeitos sobre a vida social e sobre a educação desafiaram cientistas sociais, educadores e militantes de causas populares a buscar novas respostas. A experiência do trabalho no SESI do Recife representou uma fecunda iniciação à vida de educador. Em pouco tempo, ela seria bastante amadurecida, pois, desde as primeiras experiências pedagógicas, Paulo e sua equipe adotaram um programa de vivências e de trabalho que os acompanharia por toda a vida. Em que consistia ele? Na integração entre uma exigente e contínua busca de conhecimentos, mediante um persistente estudo nunca limitado apenas ao campo da educação, e uma prática pedagógica ousada e inovadora colocada a serviço do povo, desde os primeiros tempos. Todo o estudo de teorias pedagógicas desaguava em experiências de educação. Todas as experiências partiam de um contínuo esforço de leitura crítica da realidade social. Todas as “leituras da realidade” deveriam ser vividas em meio a uma participação tão estreita quanto possível na vida cotidiana dos educandos do povo.

4. Os Cenários dos Tempos da Criação da Educação como Prática da Liberdade.

Para a concepção crítica, o analfabetismo nem é uma ’chaga’, nem uma ‘erva daninha’ a ser erradicada (...) mas uma das expressões concretas de uma realidade social injusta.

Ação cultural para liberdade, 1976

Que tempos da vida e da história eram aqueles? O que se vivia então? De que maneira eles marcaram a vida e as idéias de Paulo Freire?

O tempo de história que acompanha a vida profissional de Paulo Freire, que vai da segunda metade dos anos quarenta aos anos oitenta, caracterizou uma era que começa logo após o término da Segunda Guerra Mundial e vai até o “esfacelamento do chamado socialismo realista”, como lembra Paulo, um educador que afirmou sempre a sua escolha por um socialismo humanista, opção pessoal e política que o acompanhou a vida inteira.

Guache do artista plástico pernambucano Francisco Brennand, ilustrando a discussão do conceito de cultura nos Círculos de Cultura.

De um lado, assistimos ao aumento do poder econômico e militar dos dois grandes blocos em que o mundo inteiro se viu dividido: o do capitalismo comandado pelos Estados Unidos da América do Norte e o do socialismo e da promessa de um novo mundo, liderado pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Saído de uma grande guerra, o mundo mergulharia na "Guerra Fria" e em inúmeros conflitos armados de dimensão local ou regional.

Ao contrário das promessas de "progresso e desenvolvimento", o que houve foi um aumento das desigualdades entre classes sociais nas nações do "Terceiro Mundo" e, sobretudo, entre povos, países e mesmo continentes, quando tudo poderia sugerir uma redução significativa da miséria e da desigualdade, em um mundo sacudido por novas e contínuas descobertas científicas e inovações tecnológicas.

Esperávamos "virar o século e o milênio" livres da guerra, da fome, da doença, do analfabetismo, dos sistemas políticos repressivos, das injustiças e das exclusões sociais. Convivemos com tudo isso e, bem mais agora do que anos antes, sabemos que podemos estar caminhando para um irreversível processo de esgotamento de recursos não-renováveis e de destruição das condições de reprodução da vida no planeta Terra. Todos esses eram dados e fatos que chamavam a atenção de estudiosos e de militantes da causa humana, em todo o mundo. Tanto se fez e tanto se conquistou sobre uma natureza próxima de seu esgotamento; no entanto, convivemos com um mundo que destina a 2/3 da humanidade menos de 1/3 de todas as riquezas produzidas no planeta. E os dados de instituições como a Organização das Nações Unidas apontam para um agravamento das desigualdades entre pessoas, classes e povos do mundo inteiro.

Quando já na aurora dos anos noventa Paulo Freire se volta sobre o mundo ao seu redor, ao desafiar as "excelências" alardeadas pelos defensores do capitalismo, entre afirmações e perguntas, eis o que ele escreve em seu livro *Pedagogia da esperança*:

> Me sinto absolutamente em paz ao entender que o esfacelamento do chamado "socialismo realista" não significa, de um lado, que foi o socialismo mesmo que se revelou inviável; de outro, que o capitalismo se afirmou definitivamente na sua excelência.
>
> Que excelência é essa que consegue "conviver com mais de um bilhão de habitantes do mundo em desenvolvimento que vivem na pobreza", para não falar, na miséria. Para não falar também na quase indiferença com que convive com bolsões de pobreza e "bolsos" de miséria no seu próprio corpo, o desenvolvido. Que excelência é essa, que dorme em paz com a presença de um sem-número de homens e mulheres cujo lar é a rua, e deles e delas ainda se diz que é culpa de na rua estarem. Que excelência é essa que pouco ou quase nada luta contra as discriminações de sexo, de classe, de raça, como se negar o diferente, humilhá-lo, ofendê-lo, menosprezá-lo, explorá-lo fosse um direito dos indivíduos ou das classes, ou das raças, ou de um sexo em posição de poder sobre o outro. Que excelência é essa que registra nas estatísticas, mornamente, os milhões de crianças que chegam ao mundo e não ficam, quando ficam, partem cedo, ainda crianças e, se mais resistentes, conseguem permanecer, logo do mundo se despedem?[6]

[6] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 10ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992, pp. 94-5.

Também aqui no Brasil aqueles foram os difíceis anos de idas e vindas à procura de uma democracia nunca plenamente realizada e tão comprometida durante os longos anos da ditadura militar. E também tempos de planos e programas visando a um desenvolvimento social e econômico sempre distante das metas que, de governo a governo, iam sendo estabelecidas, postas em marcha e, depois, esquecidas.

Os anos do pós-guerra foram também os de um novo processo de industrialização, acompanhado da justa conquista de direitos trabalhistas, no governo de Getúlio Vargas. Com mais ênfase e melhores resultados do que em governos anteriores, vivemos os anos das arrancadas “desenvolvimentistas” do governo de Juscelino Kubitschek. A “marcha para o Oeste”, a construção de Brasília, o êxodo rural e o crescimento desordenado das cidades. As reformas estruturais de base, a começar pela reforma agrária, até agora nunca plenamente realizadas. Os anos de mudanças, de esperanças e inseguranças dos governos de Jânio Quadros e Jango Goulart. Depois, do meio para o final dos anos sessenta e por mais quase duas décadas, os anos de fogo dos regimes militares.

Em meio à ebulição política da época, Paulo Freire desponta como referência para a educação popular. Discursa no SESI em 1949.

A partir do convívio com as camadas populares, Paulo Freire retirou a base para conceber o seu método de alfabetização. Abaixo, solenidade no SESI, Recife, na década de 1950.

Em uma outra direção, vivemos então tempos que foram também de transformações sociais e políticas da maior importância. Os anos da descolonização e do surgimento de novas nações livres, sobretudo na Ásia e na África. Novos países e novas alianças surgiam em um mundo que, por toda a parte, oscilava entre movimentos de libertação e regimes ditatoriais e militares, entre a emancipação de nações e de grupos humanos e a submissão de outros ao autoritarismo de poderes despóticos, nacionais ou estrangeiros.

Líderes populares e movimentos revolucionários e emancipatórios brotavam principalmente na América Latina, na Ásia e na África. A presença de seus feitos e de suas idéias teve sempre um peso decisivo em tudo o que se começou a fazer no Brasil entre as frentes populares de lutas, os movimentos sociais então nascentes e um amplo e fecundo novo movimento de ação pedagógica, que veio a ter o nome de Movimento de Cultura Popular. Foi nele que Paulo Freire, um de seus criadores e, possivelmente, a sua mais importante referência, encontrou o lugar social de realização de suas primeiras experiências de educação popular.

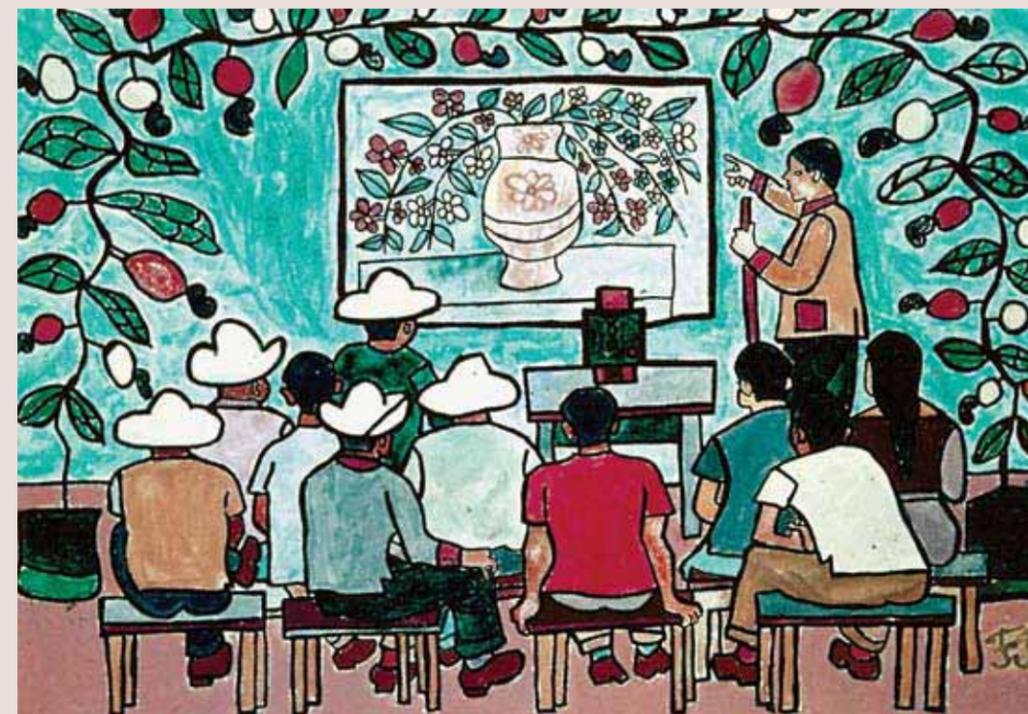
Cerca de trinta anos mais tarde, ao comentar os tempos em que criava os fundamentos de sua educação libertadora e escrevia, já no exílio, o seu livro *Pedagogia do oprimido*, Paulo Freire descreveu assim aqueles anos:

> O livro apareceu numa fase histórica cheia de intensa inquietação. Os movimentos sociais na Europa, nos Estados Unidos, na América Latina, em cada tempo-espaço com suas características próprias. A luta contra a discriminação sexual, racial, cultural, de classe, a luta em defesa do ambiente, os Verdes, na Europa. Os golpes de Estado com a nova face, na América Latina, e seus governos militares que se alongaram da década anterior. Os golpes de Estado agora ideologicamente fundados, e todos eles ligados de uma ou de outra maneira ao carro-chefe do Norte, na busca de viabilizar o que lhe parecia dever ser o destino capitalista do continente. As guerrilhas na América Latina; as comunidades de base, os movimentos de libertação na África, a independência das ex-colônias portuguesas, a luta na Namíbia, Amílcar Cabral, Julius Nyerere, sua liderança na África e sua repercussão fora da África. A China. Mao. A Revolução Cultural. A extensão viva do significado de maio de 1968. As lutas político-sindicais e pedagógico-sindicais, todas obviamente políticas, sobretudo na Itália. Guevara assassinado na década anterior e sua presença como símbolo não apenas para os movimentos revolucionários latino-americanos, mas também para lideranças e ativistas progressistas do mundo todo. A Guerra do Vietnã e a reação no interior dos Estados Unidos. A luta pelos direitos civis e o transbordamento do clima político-cultural dos anos 60, naquele país, para a década de 70.[7]

Esse era o clima político e cultural em que Paulo Freire viveu o brotar e o amadurecer de suas idéias e experiências de militância pedagógica. Diante dele e de seus companheiros, abriam-se as portas e desenhavam-se os caminhos de uma época histórica marcada por novas e contestadoras alternativas de organização de frentes de luta e de mobilização de causas populares. Aqui e ali eram gerados ou recriados sindicatos, ligas camponesas, partidos políticos e outros movimentos sociais do campo e da cidade. A própria Igreja Católica abria-se à "questão social" e propiciava o surgimento de uma ampla frente de militância de seus participantes mais preocupados com o compromisso do cristão com a justiça social. Eles se reuniram na Ação Católica, cuja influência sobre Paulo Freire não

[7] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 10ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1992, p. 121.

A convicção religiosa sempre esteve presente em Paulo Freire. Teoria e prática que influenciaram idéias e ações. Ao lado, com D. Paulo Evaristo Arns.

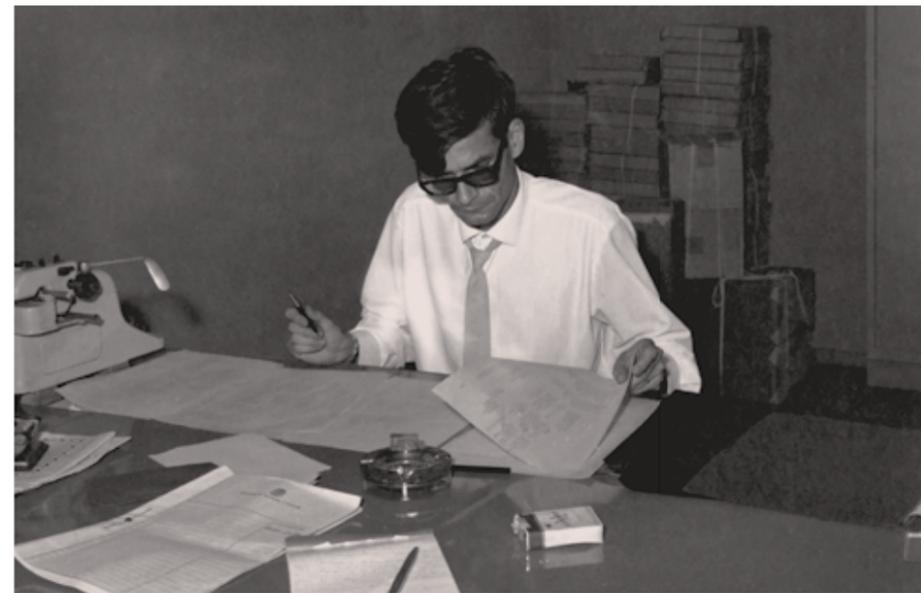
As pedagogias de Paulo Freire remetem à libertação como forma de enfrentamento de múltiplas realidades opressoras.

foi pequena, e também em movimentos sociais de educação popular. E em todos eles as idéias de Paulo Freire foram acolhidas com entusiasmo e desde cedo adotadas e postas em prática.

Diversas frentes de lutas buscavam criar novas alternativas para as causas populares. Elas estiveram inicialmente centradas em movimentos de trabalhadores rurais e urbanos, como as ligas camponesas e os sindicatos. Anos mais tarde, distribuíram-se também entre outros vários movimentos sociais, como os dos povos indígenas, dos negros, das lutas pelos direitos das mulheres e das outras várias minorias esquecidas e maiorias silenciadas.

Na contramão dos que anunciavam os anos do pós-guerra como o tempo propício ao “desenvolvimento econômico”, quase sempre em nome dos interesses de governos autocráticos ou de empresas estrangeiras, Paulo Freire desde logo aliou-se aos intelectuais, políticos, educadores, artistas e militantes populares que defendiam algo além de um simples “desenvolvimento” sem as mudanças radicais nas estruturas políticas e econômicas que de década a década reproduziam uma mesma conjuntura social de injustiça, exclusão e desigualdade.

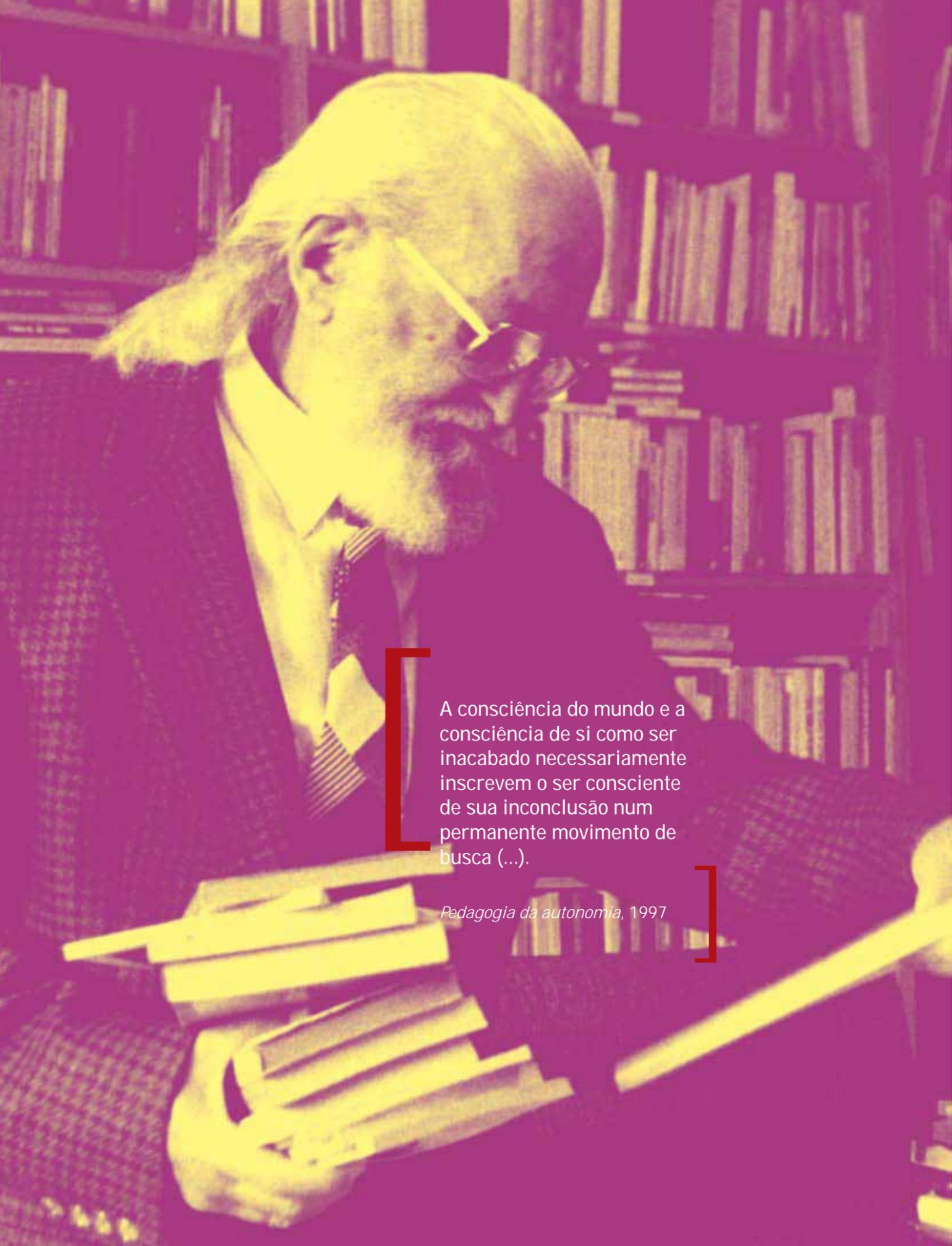
Ele aliou-se aos pensadores e militantes que consideravam ter chegado o momento de uma transformação radical da sociedade brasileira. Em alguns de seus primeiros escritos, Paulo Freire identifica esse período como um “tempo de trânsito”. Um tempo que exige do educador a descoberta e a adesão não apenas a novos métodos de trabalho, mas a novos temas que pensem de uma outra maneira os velhos problemas e que, de uma maneira crítica e criativa, fundamentem o trabalho do educador.

> Nutrindo-se de mudanças, o tempo de trânsito é mais do que simples mudança. Ele implica realmente nesta marcha acelerada que faz a sociedade à procura de novos temas e de novas tarefas. E se todo o trânsito é mudança, nem toda mudança é trânsito. As mudanças se processam numa mesma unidade de tempo histórico qualitativamente invariável, sem afetá-lo profundamente... Quando porém esses temas iniciam o seu esvaziamento e começam a perder significação e novos temas emergem, é sinal de que a sociedade começa a passagem para outra época. Nestas fases, repita-se, mais do que nunca, se faz indispensável a integração do homem. Sua capacidade de aprender o mistério das mudanças, sem o que será um simples joguete.[8]

[8] FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade.* 11ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1980, p. 46.

Pouco antes do Golpe Militar de 1964, o educador francês Pierre Furter (acima e ao lado) visita o Brasil para estudar o Método Paulo Freire de Alfabetização.

No terreno da educação, por toda parte surgiam, dialogavam e se enfrentavam novas teorias pedagógicas. E novos métodos de trabalho desafiavam a criação de outras pedagogias, algumas apenas reformistas e outras, revolucionárias. Estas últimas abriam-se, pouco a pouco, a experiências radicais – experiências que partem das raízes da vida e de seus dilemas. Elas não queriam se contentar com pequenas inovações didáticas de sala de aula. Não se conformavam em limitar o alcance do saber e da educação aos limites dos muros da escola. Aspiravam abrir a escola à comunidade, abrir a comunidade ao movimento social, e abrir o movimento social às justas frentes de lutas populares.

Na primeira linha das experiências de educação popular surgidas então, a educação libertadora de Paulo Freire destacava-se de todas as outras, pois ela se voltava a uma vivência do ensinar-e-aprender a partir de uma integração entre a dimensão cultural do trabalho do educador, a sua vocação social e a sua responsabilidade política.

Em vários estados do Brasil, educadores populares aliavam-se a cientistas sociais, a militantes políticos, a artistas e a representantes dos grupos e movimentos populares, em unidades de ação cultural que tomariam o nome de Movimentos de Cultura Popular.

A consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente de sua inconclusão num permanente movimento de busca (...).

Pedagogia da autonomia, 1997

5. Recife, Nordeste, Brasil.

Desde 1960 Paulo Freire estará à frente de toda essa intensa efervescência de invenções, de inovações e de transgressões justas e urgentes. “Educar”, “conscientizar”, “criar”, “inovar”, “inventar”, “mudar”, “transformar”, “transgredir”, “revolucionar”, “humanizar” serão alguns entre os tantos verbos de sua vida.

Como outros verdadeiros líderes de idéias e de ações de seu tempo, ele não se limita a criar métodos didáticos para o trabalho do educador. Ele forma e participa ativamente de grupos, de equipes e de unidades de trabalho pedagógico. Participa à frente de iniciativas populares e funda com uma centena de outros intelectuais, militantes, estudantes, sacerdotes e artistas o Movimento de Cultura Popular, no Recife. Dada a importância dos trabalhos das equipes coordenadas por Paulo Freire no Nordeste, em todo esse processo, celebrou-se no Recife, em 1963, o Primeiro Encontro Nacional de Cultura Popular. Paulo Freire estará presente nos trabalhos pioneiros de uma alfabetização conscientizadora, a partir do método que ele criou, juntamente com outros educadores e outras educadoras de sua primeira equipe no Nordeste.

Com trabalhadores em um Círculo de Cultura, durante a experiência de Angicos, em 1963.

Aliando como sempre o estudo teórico, a construção solidária de idéias e o pôr em prática as suas idéias, ao longo dos anos sessenta, o professor Paulo começou a escrever os seus primeiros livros e artigos. Suas idéias depressa se difundiam por todo o Brasil. Em 1959, ele escreveu e apresentou o seu primeiro trabalho sobre a educação brasileira: *Educação e atualidade brasileira*. Concorre com ele à cadeira de História e Filosofia da Educação junto à Escola de Belas Artes do Recife.

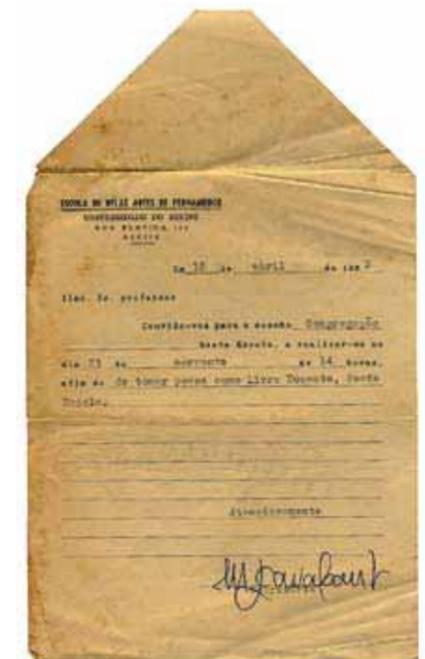
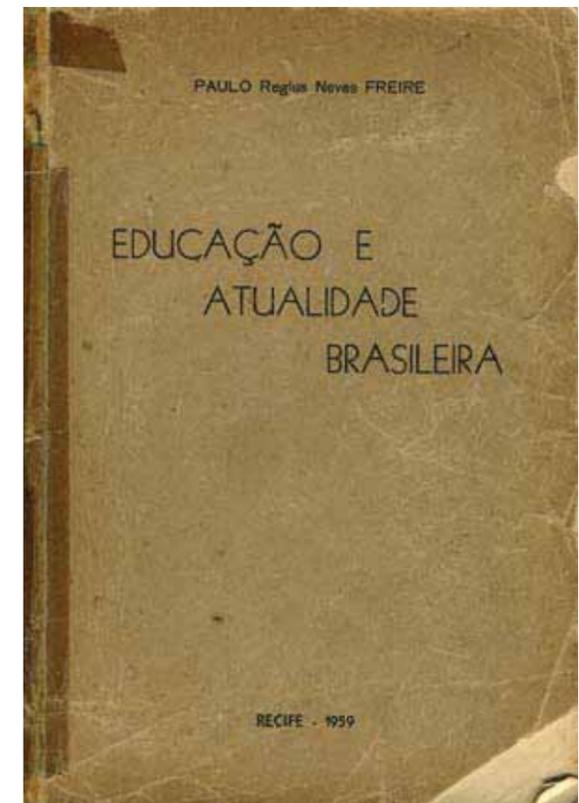
A aprovação da tese Educação e Atualidade Brasileira (ao lado) levou Freire ao posto de Professor de Ensino Superior, nível 17, da cadeira de História e Filosofia da Educação, da Faculdade de Filosofia da Universidade do Recife, em novembro de 1960.

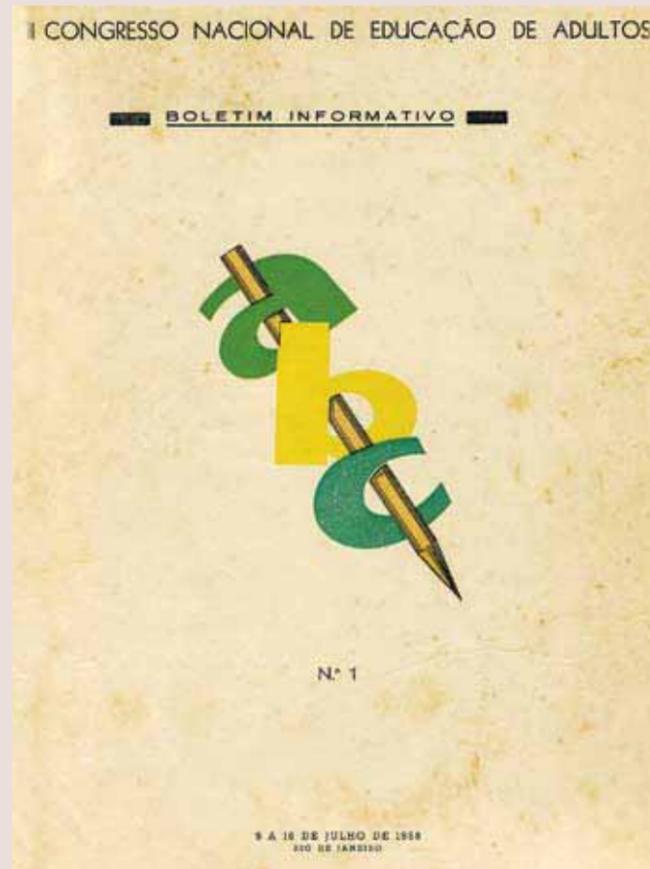
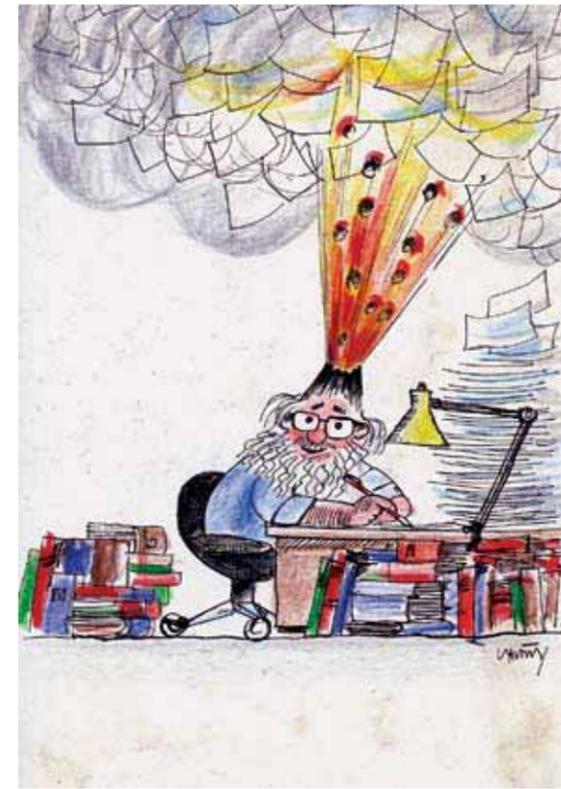
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA
UNIVERSIDADE DO RECIFE

N.º ______ DECLARAÇÃO

Em cumprimento ao despacho exarado no requerimento de número vinte e um mil quatrocentos e trinta e um (21.431), de quatro (4) de dezembro de mil novecentos e sessenta e quatro (1964) - D e c l a r o, para o fim de prova junto à Delegacia do Imposto sôbre a Renda, nêste Estado, que o Dr. Paulo Reglus Neves Freire, foi nomeado por Portaria nº 30 (F.F.F), de 30 de novembro de 1960, para exercer a função de Professor de Ensino Superior, Nível 17, da cadeira de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia desta Universidade, tendo tomado posse e assumido o exercício no dia 2 de janeiro de 1961, em cuja função veio se conservando até 8 de outubro de 1964, quando foi aposentado por Decreto publicado no Diário Oficial do dia 9 do mesmo mês. E, para constar, eu, [assinatura] Aux. de Adm. Nível 14, do Q.P. desta Universidade, no exercício de Chefe do Arquivo, subscrevo a presente declaração em 11 de dezembro de 1964, a qual vai visada pelo Magnífico Reitor.///

UNIVERSIDADE DO RECIFE
O REITOR

Convite para posse de livre docência (ao lado) e Declaração da Universidade do Recife (acima), de dezembro de 1964, dando conta da "aposentadoria" do Professor Paulo Freire, por Decreto Federal.

Desde os primeiros anos de docência, o professor Paulo relutou em transformar-se em um docente de sala de aula e em um pesquisador especialista em temas acadêmicos. A universidade será sempre em sua vida um laboratório de experiências de educação popular. Em 1961, foi nomeado professor de História e Filosofia da Educação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Recife, após lhe ter sido conferido o certificado de Livre-Docente pela Escola de Belas Artes, da mesma universidade. Em 1962 criou o Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Recife e foi nomeado seu primeiro diretor. No ano seguinte, em 1963, quando a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional criou os Conselhos Estaduais de Educação, ele foi indicado pelo governador Miguel Arraes, por ser um educador progressista, como um dos "conselheiros pioneiros" do Conselho Estadual de Educação de Pernambuco.

Encontros e movimentos populares, no final da década de 1950, levaram à realização do II Congresso Brasileiro de Educação de Adultos. O método Paulo Freire de Alfabetização estava em plena construção.

Paulo Freire em ilustração do amigo Claudius Ceccon.

Desde os seus primeiros escritos, Paulo Freire deixava entre militantes e educadores a sua marca. E ela não estava contida apenas na novidade de suas idéias e na criatividade de suas práticas pedagógicas. Ela estava, em primeiro lugar, em sua própria presença. O olhar sereno, o corpo todo voltado com carinho e atenção a quem estava diante dele, o ouvido atento de quem sabia primeiro ouvir e, depois, dizer a sua palavra. E a carinhosa e, ao mesmo tempo, sempre lúcida e crítica palavra de um educador que por toda a vida disse e repetiu que ninguém educa ninguém, mas também ninguém se educa sozinho, pois o tempo todo somos educadores-educandos e educandos-educadores de nós mesmos e de nossos outros.

A quem conviveu com ele ou mesmo a quem leu as suas obras, Paulo deixou o testemunho de uma vida de ações e de idéias dedicadas a difundir não apenas teorias, mas, entre elas e por meio delas, um ideal. O acreditar na pessoa humana e no que pessoas como você e eu podem fazer quando, juntas, resolvem estudar, pensar e compreender de maneira consciente a sociedade em que vivem. E quando, juntas, participam de maneira ativa e partilhada de sua transformação.

Paulo sabia bem que por conta própria a educação não muda o mundo. A educação muda as pessoas. As pessoas mudam o mundo.

Não basta saber ler que Eva viu a uva. É preciso compreender qual a posição que Eva ocupa no seu contexto social, quem trabalha para produzir a uva e quem lucra com esse trabalho.

Educação na cidade, 1991

6. Ler Palavras e Ler o Mundo: o Método de Alfabetização Paulo Freire.

O “Método” obedece às normas metodológicas e lingüísticas, mas, desde o princípio dos anos 60, Paulo Freire e sua primeira equipe de educadores nordestinos trabalhavam na criação de um novo sistema de trabalho na alfabetização e na educação continuada de jovens e de adultos. Eles sabiam que os velhos modelos de alfabetização, baseados em cartilhas e em trazer para o mundo do adulto formas de trabalho didático com crianças, em nada correspondiam às idéias de uma educação libertadora. Formar pessoas educadas e conscientes exigia uma outra compreensão do processo ensino-aprendizagem do educador-alfabetizador para o educando-alfabetizando. Assim, ainda em 1958, apresentou os seus primeiros esboços do que viria a ser o novo “método de alfabetização”, em um Seminário Regional realizado no Recife.

Em 1962, o governador do Rio Grande do Norte convidou Paulo Freire e sua equipe para aplicar o método de alfabetização recém-criado em uma região do sertão do Nordeste. A pequena cidade de Angicos foi escolhida e ali, ao redor de um primeiro "Círculo de Cultura", eles viveram com entusiasmo uma experiência pioneira de alfabetização de trabalhadores rurais iletrados, jovens e adultos. Os primeiros resultados foram muito animadores. Antes dessa, uma outra experiência-piloto havia sido realizada em Recife. Paulo Freire comentou desta maneira o que viveu em Angicos:

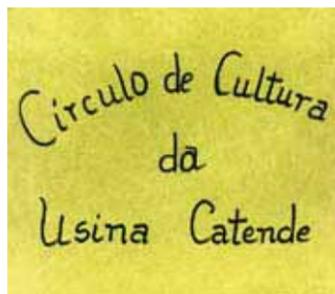
> Aceitas pelo Sr. Governador do Estado as nossas exigências para realizarmos a primeira etapa do sistema – a de não interferência partidária, a da independência técnica, de fazermos uma educação que se voltasse para a libertação do povo, para a sua emancipação interna e externa –, iniciamos a preparação das equipes que atuariam em Angicos e em Natal.
> Trezentos homens eram alfabetizados em Angicos em menos de 40 horas. Não só alfabetizados. Trezentos homens se conscientizavam e se alfabetizavam em Angicos. Trezentos homens aprendiam a ler e a escrever, e discutiam problemas brasileiros.[9]

A idéia de uma tão rápida aprendizagem do ler-e-escrever logo em seguida seria revista por Paulo Freire e seus companheiros de equipe. Em um tão curto tempo, os alfabetizandos adultos chegaram a um nível de alfabetização elementar, aquela em que a pessoa reconhece letras e palavras, lê frases e escreve pequenas mensagens. Mas, mesmo com o emprego de um método tão inovador, bastante mais tempo é necessário para que o estudante passe de um nível elementar a um nível mais complexo. Este é alcançado quando

[9] O artigo de Paulo Freire de onde essa passagem foi tirada chama-se *Conscientização e alfabetização: uma nova visão do processo*. Ele foi publicado originalmente entre as páginas 5 e 22 da *Revista de Cultura da Universidade do Recife*, número 4, abril/junho de 1963. Anos mais tarde, o mesmo artigo de Paulo Freire e mais os três outros de pessoas de sua equipe de alfabetizadores foram republicados em um livro coordenado pelo professor Osmar Fávero. O livro se chama *Cultura Popular e Educação Popular: Memória dos anos sessenta*. Foi editado pela Editora Graal-Paz e Terra, do Rio de Janeiro, em 1983. A passagem transcrita aqui está na página 124 do livro.

Círculo de Cultura, durante experiência em Angicos, em 1963, onde Paulo Freire coordenou o processo de alfabetização com base na realidade de trabalhadores e trabalhadoras.

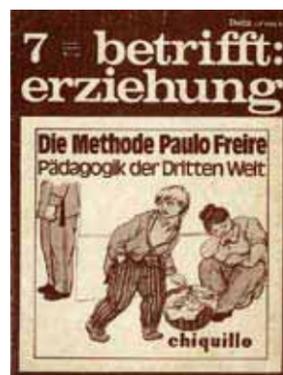
a pessoa aprende a ler e a escrever com fluência, compreende de maneira pessoal o que lê e sabe dar ao que escreve e lê uma interpretação adequada e própria.

Existem muitos métodos de alfabetização e de escolarização primárias de jovens e de adultos. O que haveria então de tão novo e diferente no Método Paulo Freire? Deixemos que o seu autor nos revele.

Nos Círculos Populares, nascidos do Movimento de Cultura Popular no Recife na década de 1960, Paulo Freire teve a oportunidade de trabalhar seu método de alfabetização.

> Há mais de 15 anos vínhamos acumulando experiências no campo da educação de adultos, em áreas proletárias e subproletárias, urbanas e rurais.
>
> ...
>
> Sempre confiamos no povo. Sempre rejeitamos fórmulas doadas. Sempre acreditamos que tínhamos algo a permutar com ele, nunca exclusivamente a oferecer-lhe. Experimentamos métodos, técnicas, processos de comunicação. Retificamos erros. Superamos procedimentos. Nunca, porém, sem a convicção que sempre tivemos de que só nas bases populares e com elas poderíamos realizar algo de sério e autêntico para elas.[10]

Em uma outra passagem do mesmo texto, Paulo Freire estabelece desta maneira as diferenças principais entre a sua proposta e as que existiam antes dela:

> Ao invés da escola noturna para adultos, em cujo conceito há certas conotações um tanto estáticas, em contradição, portanto, com a dinâmica do trânsito, lançamos o círculo de cultura. Como decorrência superamos o professor pelo coordenador de debates. O aluno pelo participante do grupo. A aula pelo diálogo. Os programas por situações existenciais, capazes de, desafiando os grupos, levá-los, pelos debates das mesmas, a posições mais críticas.[11]

O Método Paulo Freire de Alfabetização ganhou o mundo. Em alguns países, foram editadas obras que orientavam a respeito de sua aplicação.

[10] Idem, ibidem, p. 111.
[11] Idem, ibidem, p. 115.

Podemos imaginar por um momento como esse novo método de alfabetização é vivido entre as pessoas participantes de um "Círculo de Cultura". Eis aqui um lugar de estudos onde professor e alunos não estão um diante dos outros, enfileirados em linhas e sentados passivamente em carteiras frente a um professor e a um quadro-negro. Eles estão ao redor de um círculo onde todos sentam uns ao lado dos outros e a uma mesma distância do centro.

Experiência Revolucionária em Angicos e Natal:
– POVO APRENDE A LER DEBATENDO PROBLEMAS!

— Acabo de regressar de Angicos, onde estive por uma semana. O que vimos alí é quase indescritível. Com apenas [illegible] aulas, mais de 70% dos alunos criavam palavras, come-[illegible] a ler e a construir frases inteiras. Mais ainda: deba-[illegible] os problemas locais e nacionais.

Isto foi o que declarou a «UH-Cristianismo» o prof. Pau-[illegible], numa entrevista dedicada à maior repercussão. Pe-la [illegible] importância, vamos divulgá-la a seguir, na íntegra, com as perguntas e respostas:

mente, a fim de aprender e debater os problemas que angustiam o seu povo. Ouvimos de muitos dos jovens universitários que «em 15 dias de contato com o povo amadureceram 15 anos». Ouvimo-los falar, emocionados, das coisas que vêm aprendendo com o povo, e sentimos a

A experiência de Angicos (RN) é referência na vida e obra de Paulo Freire. Nessa cidade, 300 trabalhadores rurais foram alfabetizados em 45 dias.

Visualizemos um professor que, ao invés de se colocar diante de seus alunos com uma cartilha já toda escrita e trazida de longe, e com uma aula "pronta", comece a trabalhar com os outros "participantes do círculo" a partir de um material de estudo – as palavras geradoras – como um primeiro momento de sua alfabetização. Um material básico de alfabetização constante de palavras e de imagens que "falam" a linguagem da vida e da cultura do lugar. Falam o que é de todos ali, porque foram "levantadas" em uma pesquisa do "universo vocabular" e do "universo temático" junto às pessoas "do lugar".

Podemos imaginar uma "aula" em que, em lugar da oposição tão comum entre um professor que sabe (ou pensa que sabe) e uma "turma de alunos" que não sabe (ou pensa que não sabe), o que existe é um encontro de participantes da pequena "comunidade aprendente".

Uma equipe de trabalhos à volta do ensinar-e-aprender motivada a uma intensa troca de vivência e de idéias. Um grupo de educandos-educadores e de educadores-educandos no qual quem ensina aprende também e quem aprende sempre tem também algo a ensinar.

Um cenário do "trabalho de aprender" onde ninguém ensina a ninguém, mas todos aprendem uns com os outros e todos entre todos. Ali, onde os participantes ensinam e aprendem porque não trabalham com saberes "de fora", trazidos a eles, mas operam

saberes integrando o que "vem de fora" com as suas próprias vivências, com os seus conhecimentos, com a sabedoria da cultura popular que eles próprios vivem dia a dia e continuamente criam e transformam.

Pensemos uma vivência de alfabetização em que, em lugar de se aprender apenas a ler-e-escrever palavras de uma maneira instrumental e mecânica, chega-se a saber ler-e-escrever palavras por meio do aprendizado de um diálogo crítico e criativo com os outros, "ao vivo", e também com os textos escritos. Um círculo de trocas de saberes em que se aprende a ouvir e a falar, ao mesmo tempo em que se aprende a ler e a escrever.

Para Paulo Freire, a educação é prática da liberdade, para o autoconhecimento e vivência criativa. O alfabetizando exerce papel ativo no processo de aprendizado, interagindo com o professor.

Pois, na verdade, só aprendemos a compreender o que lemos do que alguém deixou por escrito quando aprendemos também a partilhar com outras pessoas as suas idéias. Quando as acolhemos em nossos silêncios e as ouvimos de maneira atenta. Aprendendo a ouvir o outro e a respeitar as suas idéias, cada um aprende também a "dizer a sua palavra", como gostava tanto de enfatizar Paulo Freire.

E esse é o caminho por onde viaja quem, ao mesmo tempo em que aprende a ler-e-escrever palavras e idéias, aprende a "ler" e a compreender a realidade da vida que vive e do mundo onde vive. Aprende não apenas a conhecer com inteligência como a sociedade é, mas aprende também a compreender com a consciência por que ela é assim, como ela foi sendo feita assim e o que é necessário fazer para que ela seja transformada.

Podemos por um momento "trabalhar" com algumas palavras iniciadas sempre com a letra "S", e com elas poderíamos lembrar que aprendemos tudo o que nos é significativo e transformador, envolvendo nesse aprendizado as nossas sensações – visão, audição, olfato, tato e tudo o mais que abre ao mundo as nossas janelas; as nossas sensibilidades – afetos, emoções, sentimentos; nossos saberes – tudo o que aprendemos e integramos em nós como "aquilo que sabemos"; os nossos sentidos de vida – os valores, os princípios, os preceitos que nos dizem quem somos, como devemos ser e como devemos

A essência da concepção freireana foi concebida em meio ao ambiente adverso do Nordeste das décadas de 1950 e 1960, à época com mais de 15 milhões de analfabetos. Trinta anos depois da experiência de alfabetização, ele retorna a Angicos para receber homenagens de autoridades e do povo, inclusive o Título de Cidadão Angicano.

Município do Cabo vai implantar método Paulo Freire nas escolas

México alfabetiza usando o método de Paulo Freire

Do Sucursal de Brasília

O ministro da Educação do México, Jesus Reys Heroles, que integra a comitiva do presidente Miguel de la Madrid, afirmou ontem à ministra Ester de Figueiredo Ferraz que o método de alfabetização do educador brasileiro Paulo Freire vem sendo aplicado em seu país "com saldo bastante positivo".

Destacou, ainda, o fato de o México contar com 12% de analfabetos numa população de 74 milhões de habitantes, e que para reduzir essa taxa o governo tem procurado se utilizar de diversos programas educacionais, inclusive pela aplicação de métodos não-formais, privilegiando bastante as recomendações do educador Paulo Freire.

O ministro Jesus Reys Heroles conversou com a ministra da Educação cerca de 40 minutos, durante os quais discutiu questões relacionadas à problemática educacional vivida pelos dois países. No encontro, foi lembrada a existência de um acordo de cooperação no setor entre os dois países, em pleno vigor, mas ainda muito tímido em realizações. Ambas as partes manifestaram, entretanto, o desejo de incrementá-lo.

O educador

Conhecido pelo método de alfabetização em 40 horas, que introduziu no Recife, Paulo Freire foi uma das grandes vítimas do regime instaurado em 1964. Cassado e perseguido, partiu para o exílio, peregrinando por vários países, como México e Guiné Bissau, onde aplicou seu método.

Retornou ao Brasil em 1979, lecionando atualmente nos cursos de pós-graduação do setor de Educação da PUC de São Paulo. Até hoje seu método é ignorado pelos programas de alfabetização financiados pelo governo federal, entre eles o Mobral.

Ester e Reys debateram o intercâmbio

LUX JORNAL — FUNDADO EM 1928

DIARIO DO GRANDE ABC — Santo André - Est. de S. Paulo

5 NOV 1986

VASP - 1933 - 1983. Os primeiros 50 anos passaram voando

Americanos utilizam metodo Paulo Freire

O método Paulo Freire ganhou o mundo, chegando a todos os continentes, formando cidadãos e cidadãs mais conscientes e críticos.

conviver; nossos significados – as idéias que temos sobre o mundo em que vivemos e sobre como ele deveria ser; e até mesmo as nossas sociabilidades – a nossa vocação de criarmos juntos o mundo em que vivemos e de o transformarmos para vivermos nele.

Aprendemos uns com os outros, envolvendo todas essas dimensões de nosso ser, viver, sentir e aprender, em nossas "trocas do saber". E aprendendo por meio do diálogo e da partilha de saberes, não aprendemos apenas "coisas", "conteúdos" ou "conhecimentos". Aprendemos a sentir, a sensibilizar e a convivializar (viver com o outro), buscando novos sentidos de vida e novos significados para as nossas ações. Todo o saber que de fato vale alguma coisa é o conhecimento que de alguma maneira me transforma em um ser melhor.

Se pudermos imaginar a integração de tudo o que foi sugerido até aqui, poderemos então compreender um pouco mais a inovação e a dinâmica do Método Paulo Freire. Mas como ele acontece mesmo na prática? Quais são os seus momentos, passo a passo?

A educadora Ana Maria Araújo Freire, amiga de adolescência de Paulo Freire e, vários anos depois, sua esposa e companheira de vida, de idéias e de ideais, a quem ele amorosamente chamava de Nita, descreve assim as etapas do método:

As atividades de alfabetização exigem a pesquisa do que Freire chama "universo vocabular mínimo" entre os alfabetizandos. É trabalhando este universo que se escolhem as palavras que farão parte do programa. Estas palavras, mais ou menos dezessete, chamadas "palavras geradoras", devem ser palavras de grande riqueza fonêmica e colocadas, necessariamente, em ordem crescente das menores para as maiores dificuldades fonéticas, lidas dentro do contexto mais amplo da vida dos alfabetizandos e da linguagem local, que por isto mesmo é também nacional.

A decodificação da palavra escrita, que vem em seguida à decodificação da situação existencial codificada, compreende alguns passos que devem, rigorosamente, se suceder.

Tomemos a palavra **TIJOLO**, usada como a primeira palavra em Brasília, nos anos 60, escolhida por ser uma cidade em construção, para facilitar o entendimento do(a) leitor(a).

1º. Apresenta-se a palavra geradora "tijolo" inserida na representação de uma situação concreta: homens trabalhando numa construção;

2°. Escreve-se simplesmente a palavra:

TIJOLO

3º. Escreve-se a mesma palavra com as sílabas separadas:

TI – JO – LO

4º. Apresenta-se a "família fonêmica" da primeira sílaba:

TA – TE – TI – TO – TU

5º. Apresenta-se a "família fonêmica" da segunda sílaba:

JA – JE – JI – JO – JU

6º. Apresenta-se a "família fonêmica" da terceira sílaba:

LA – LE – LI – LO – LU

7º. Apresentam-se as "famílias fonêmicas" da palavra que está sendo decodificada:

TA – TE – TI – TO – TU
JA – JE – JI – JO – JU
LA – LE – LI – LO – LU

Este conjunto de "famílias fonêmicas" da palavra geradora foi denominado "ficha de descoberta", pois ele propicia ao alfabetizando juntar os "pedaços", isto é, fazer dessas sílabas novas combinações fonêmicas que necessariamente devem formar palavras da língua portuguesa.
8º. Apresentam-se as vogais:

A – E – I – O – U

Em síntese, no momento em que o(a) alfabetizando(a) consegue, articulando as sílabas, formar palavras, ele ou ela está alfabetizado(a). O processo requer, evidentemente, aprofundamento, ou seja, a pós-alfabetização.
A eficácia e a validade do "Método" consistem em partir da realidade do alfabetizando, do que ele já conhece, do valor pragmático das coisas e fatos de sua vida cotidiana, de suas situações existenciais. Respeitando o senso comum e dele partindo, Freire propõe a sua superação.
O "Método" obedece às normas metodológicas e lingüisticas, mas vai além delas, porque desafia o homem e a mulher que se alfabetizam a se apropriarem do código escrito e a se politizarem, tendo uma visão de totalidade da linguagem e do mundo.
O "Método" nega a mera repetição alienada e alienante de frases, palavras e sílabas, ao propor aos alfabetizandos "ler o mundo" e "ler a palavra", leituras, aliás, como enfatiza Freire, indissociáveis. Daí ter vindo se posicionando contra as cartilhas.[12]

Sabemos já que os anos entre 1960 e 1964 foram tempos de uma intensa mobilização e criatividade social no Brasil. Provavelmente não teremos vivido um outro breve tempo assim. No campo das artes, das ciências, das ações sociais de vocação transformadora, assim como no da educação, em raras outras ocasiões estudou-se tanto, inovou-se tanto, debateu-se tanto, experimentou-se tanto e tentou-se criar o novo com tanta intensidade e com tamanha emoção.

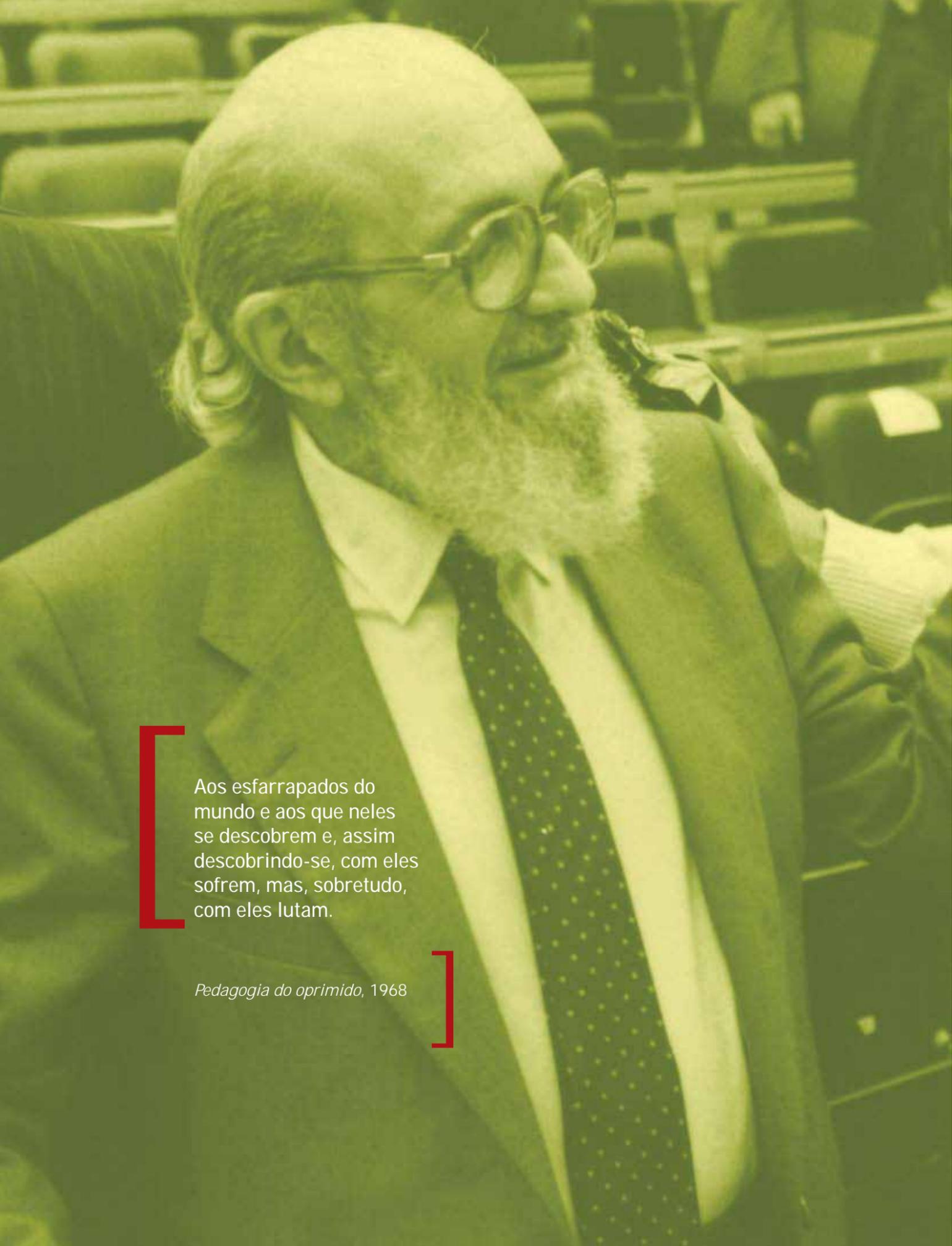
Homem sendo alfabetizado no Círculo de Cultura do Gama, em setembro de 1963.

[12] Essas passagens sobre o Método Paulo Freire foram tomadas do livro *Paulo Freire: uma biobibliografia*, em seu primeiro artigo *A voz da esposa – a trajetória de Paulo Freire*, de Ana Maria Araújo Freire. As citações tomadas estão nas páginas 38, 39 e 40.

O universo do Cículo de Cultura representado. Freire educando, alfabetizando, de todas as formas.

Nasceram nesse período várias alternativas do que vieram a ser as inovações de uma outra pedagogia. Surgiram e multiplicaram-se as experiências brasileiras e latino-americanas de ação social, as criações de movimentos sociais e de frentes populares de causas e de lutas, a nova "música popular brasileira", o cinema novo, as novas experiências literárias, o teatro do oprimido e outras variantes de teatro popular. Muito do que veio a frutificar nos anos de fogo da ditadura nasceu nessa curta, esperançosa, sofrida e tão ainda presente época de nossa história. Paulo Freire esteve sempre na frente de tudo o que acontecia e dos movimentos que queriam a transformação social. Pagaria caro por essa ousadia.
Em 1958 o professor Paulo foi o relator de um documento da Comissão Regional de Pernambuco a respeito da educação no Estado. Em *A Educação de Adultos e as Populações Marginais*, ele já se revelava um fecundo pensador revolucionário. Desde seus primeiros artigos, as marcas de crítica social e de criatividade pedagógica eram evidentes.
Depois das experiências de Angicos com o método de alfabetização, durante o governo de João Goulart, Paulo Freire recebeu do Ministro da Educação, Paulo de Tarso Santos, um novo e mais amplo desafio: o de criar, implantar e coordenar o Programa Nacional de Alfabetização. Tratava-se de pensar e colocar em prática um trabalho popular de alfabetização em escala nacional, a partir dos promissores resultados obtidos com a aplicação do Método Paulo Freire de Alfabetização no Nordeste.

Paulo de Tarso,
Ministro da Educação
e Paulo Freire,
durante visita ao
Círculo de Cultura do
Gama, em setembro
de 1963.

O então Presidente
João Goulart
assina, em janeiro de
1964, o Decreto que
criou o Plano Nacional
de Alfabetização,
coordenado por
Paulo Freire.

Aos esfarrapados do mundo e aos que neles se descobrem e, assim descobrindo-se, com eles sofrem, mas, sobretudo, com eles lutam.

Pedagogia do oprimido, 1968

7. Os Anos do Exílio: a Pedagogia do Oprimido.

Quando o Programa Nacional de Alfabetização estava quase pronto para ser posto em marcha, aconteceu no Brasil o golpe militar de 1964. Criado por decreto-lei em janeiro desse ano, o “Programa” foi extinto em abril. Os movimentos de cultura popular foram colocados sob suspeita e fortemente reprimidos, tal como aconteceu também com outros movimentos e frentes de mobilização e de luta popular no campo e na cidade.

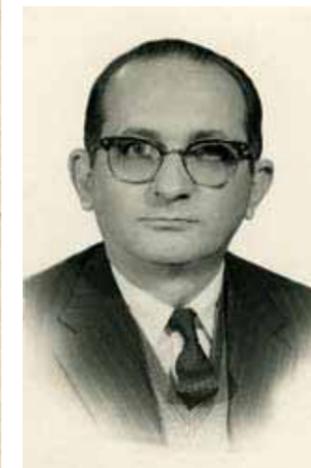
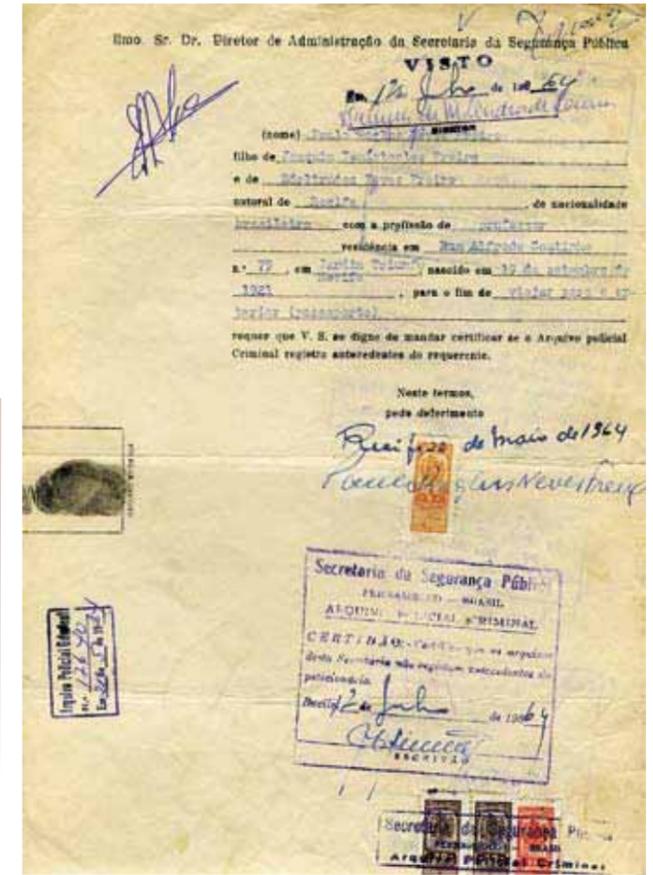
As idéias e as propostas político-pedagógicas de Paulo Freire eram então bastante conhecidas. Ele era convidado a dialogar com educadores populares de norte a sul do Brasil. No interior de um amplo universo de trabalhos pedagógicos e políticos e de cultura popular, que em todo o país mobilizava artistas, estudantes, educadores, cientistas, religiosos e educadores, além de inúmeras lideranças populares, Paulo Freire se tornou em pouco tempo uma referência essencial. E foi justamente a ousadia de suas idéias e propostas que o levou ao exílio.

Reunião do Conselho Nacional de Cultura com o ministro da educação, Paulo de Tarso, define estratégias para execução do Plano Nacional de Alfabetização.

Ainda no ano de 1964, por duas vezes, no Recife, Paulo foi "convidado a explicar-se"; primeiro aos acadêmicos e, depois, aos militares, respondendo a inquéritos administrativo e policial-militar. Mesmo sem haver culpa formal alguma a seu respeito, ele permaneceu detido durante setenta dias.

Com 43 anos, cinco filhos, uma carreira promissora pela frente e o sentimento de que, mais do que nunca, cada uma de suas palavras e gestos continha um profundo sentido e falava de uma enorme urgência, ele se viu obrigado a pedir asilo junto à Embaixada da Bolívia. Viajou para lá sozinho e a família uniu-se a ele meses mais tarde.

Era o mês de setembro. De algum modo, Paulo e Elza sabiam que haveriam de viver longos anos longe do Brasil. De fato, eles retornariam definitivamente ao país apenas em 1980.

Preso pela Ditadura Militar, Paulo Freire decide deixar o país e parte para o exterior, dando início a um exílio de 16 anos.

Salvoconduto da Bolívia autoriza a saída do exilado Paulo Freire daquele país, em novembro de 1964. O primeiro dos países que o acolheriam.

Esteve na Bolívia apenas por 40 dias. Logo se transferiu para o Chile e viveu em Santiago entre novembro de 1964 a abril de 1969. Pouco depois de chegar ao novo país latino-americano de acolhida, Paulo Freire recomeçou a trabalhar com o mesmo empenho e o mesmo entusiasmo de sempre. Como ele mesmo repetiu em várias ocasiões, há opções de vida que não conhecem fronteiras, e o trabalho em prol do povo não tem propriamente uma pátria, porque é de todas elas e de todos os povos da Terra.

No Chile, Paulo Freire conseguiu realizar o que sonhou fazer no Brasil: participar de um programa de educação popular durante um tempo mais prolongado, estabelecer metas, definir propostas, formar pessoal, acompanhar processos e avaliar resultados. Em Santiago, ele foi um assessor do Instituto de Desarrollo Agropecuario do Ministério da Educação. Durante algum tempo, ele foi também consultor do Instituto de Capacitación y Investigación en Reforma Agraria, trabalho que realizou como um profissional da UNESCO.[13]

Cartazes utilizados por Freire, no trabalho de alfabetização no Chile.

O Chile vivia então os tempos do governo democrático de Eduardo Frei, seguido pelo breve e desafiador governo socialista de Salvador Allende. E foi nesse clima de liberdade e de criatividade social que várias experiências renovadoras no campo da ação social e da educação foram, em pouco tempo, levadas a efeito. Mas, como antes acontecera no Brasil, não por muito tempo. Em 1973, o sangrento golpe militar liderado por Augusto Pinochet desmobilizaria, em poucos meses, as bases de uma das tentativas mais promissoras de transformação social no continente sul-americano. Paulo Freire não assistiu à lastimável queda do governo de Salvador Allende.

[13] Muitos anos mais tarde, Augusto Nibaldo Silva Triviños e Balduino Antônio Andreola publicam um livro dedicado às experiências de dois brasileiros exilados no Chile: Ernani Maria Fiori e Paulo Freire. O livro foi publicado pela Editora Ritter dos Reis, de Porto Alegre, em 2001, e tem o nome de *Freire e Fiori no Exílio: Um projeto pedagógico-político no Chile.*

Dos "tempo do Chile" ele deixou uma bela referência:

> Um sonho que tenho, entre um sem-número de outros, é "semear" palavras em áreas populares, cuja experiência popular não seja escrita, quer dizer, áreas de memória preponderantemente oral. No Chile, quando lá vivi no meu tempo de exílio, os "semeadores de palavras" em áreas de reforma agrária foram os próprios camponeses alfabetizandos, que as "plantavam" nos troncos das árvores, às vezes, no chão dos caminhos.[14]

Ao final do seu tempo de trabalho como um educador exilado no Chile, ele se transferiu com a família para os Estados Unidos da América do Norte. Não seria o último país de acolhida e nem o último continente de sua peregrinação longe do Brasil. Ele já recebera o convite para ir trabalhar na Europa, mas viveu em Cambridge, no estado de Massachussets, pouco menos de um ano, ministrando aulas de pedagogia na conhecida Universidade de Harvard, e levando, a um país distante, as suas idéias sobre a educação e o seu novo alcance social.

Meses depois, ele viajou com a família para a Europa e foi viver na cidade de Genebra, na Suíça, trabalhando no setor de educação do Conselho Mundial de Igrejas, uma instituição de confissões evangélicas que, entre outras atividades, protegia perseguidos políticos. Ora, essa longa experiência de estudos, de diálogos e de trabalhos abarcou todo o seu tempo de exílio, de 1969 até o seu retorno ao Brasil em 1980.

Esse tempo de exílio permitiu ao educador brasileiro vivenciar o profundo sentido de "cidadania mundial". Paulo Freire foi convocado a viajar, continuamente, pelos cinco continentes. Ele visitou várias nações e conviveu com pessoas políticas, com militantes sociais, com agentes populares e com educadores de inúmeros países.

Nações recém-libertadas da África o acolheram em diversas ocasiões. O que se viveu e pensou nelas em favor de uma nova educação haverá de ser muito importante em sua vida, dali em diante. Em diferentes ocasiões, Paulo Freire lembrará a pessoas de países e línguas, ora próximas, ora distantes, a inovação de suas idéias e propostas de libertação nacional.

[14] TRIVIÑOS, Augusto Nibaldo Silva & ANDREOLA, Balduino A. *Freire e Fiori no exílio: Um projeto pedagógico-político no Chile.* Porto Alegre: Editora Ritter dos Reis, 2001, p. 174.

No exílio, com o filho Lutgardes, na época em que começou a deixar a barba crescer por causa do frio.

Paulo Freire, com seu filho Lutgardes, e Betinho com seu filho Daniel, no Canadá, de férias, em 1978.

HENFIL

Exmo. Sr. Presidente Ernesto Geisel,

Considerando as instruções dadas por V.S. de que sejam negados passaportes aos senhores Francisco Julião, Miguel Arraes, Leonel Brizola, Luis Prestes, Paulo Schilling, Gregório Bezerra, Márcio Moreira Alves e Paulo Freire.

Considerando que, desde que nasci, me identifico plenamente com a pele, a cor dos cabelos, estatura, cultura, o sorriso, as aspirações, a língua, a música, a história e o sangue destes oito senhores.

Considerando tudo isto, por imperativo da minha consciência e honestidade de princípios, venho por meio desta devolver o passaporte, que, negado a eles, me foi concedido (certamente por engano) pelos órgãos competentes do seu governo.

Juro pela minha mãe, que eu pensava estar vivendo em meu país há 34 anos !

Solicito a compreensão de V.S. no sentido de me conceder um prazo de 30 dias para que eu possa desocupar o seu país com todos os meus pertences em direção à minha (e a dos 8) verdadeira pátria, o Brasil.

Desculpe o engano. Que confusão, siô !

Atenciosamente,

Henfil

P.S.: Só prá me informar: que país é este?

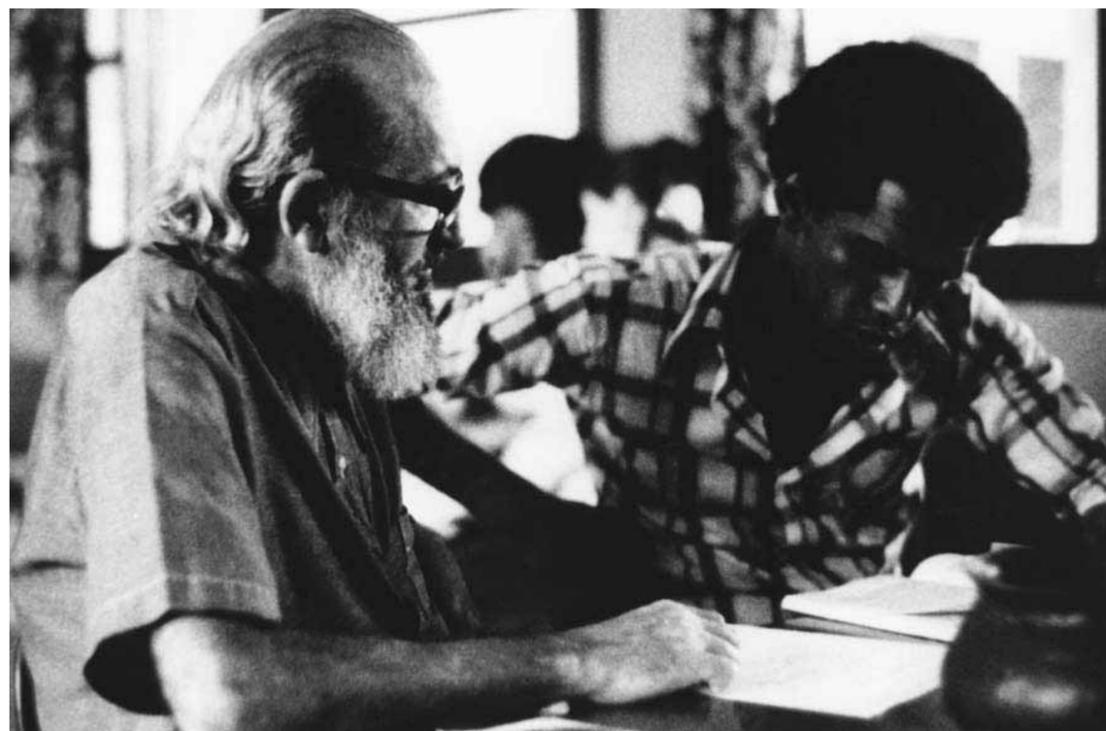
82 ISTOÉ 10/01/1979

Carta de Henfil "devolvendo" seu passaporte como protesto à negação desse documento a Freire e outros brasileiros, pela Ditadura Militar.

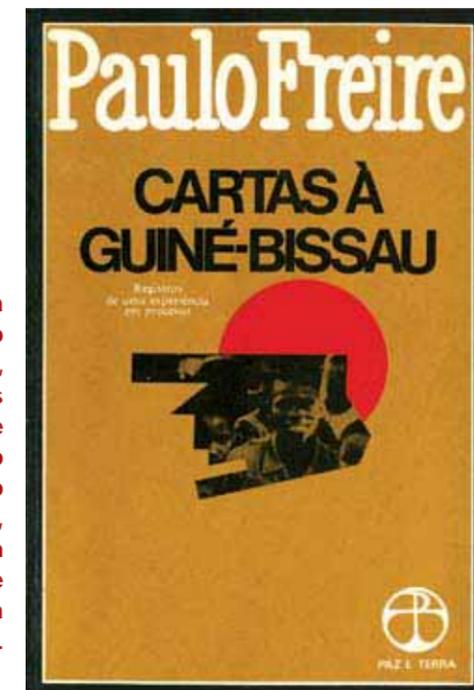
Poucas experiências de vida inteira terão sido tão marcantes quanto o dialogar com jovens políticos, militantes e educadores de países como a Guiné-Bissau, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e Angola. Em alguns desses países, Paulo Freire conheceu alguns dos momentos mais gratificantes de sua vida de educador: levar a contribuição de seu método de alfabetização, de sua pedagogia humanista e de sua educação libertadora a programas de formação de jovens e de adultos de novas nações pela primeira vez livres e, no entanto, quase devastadas por anos de opressão e de guerras de libertação.

Ele dedicou livros e artigos a educadores africanos, especialmente das jovens nações de língua portuguesa, recém-emancipadas. O que ele lê e estuda, em boa medida, vem da Europa e dos Estados Unidos. Mas o que ele vive e presencia vem, agora, da África, como viera antes e virá de novo, depois, do Brasil e da América Latina.

Andarilhando pelo mundo. No continente africano, estabeleceu contatos com os governos e trabalhou o Método em vários países.

Paulo Freire ao lado de Miguel Darcy de Oliveira, do IDAC, e de Mário Cabral, Ministro da Educação da Guiné-Bissau, em 1978.

Paulo Freire trabalhando com o Coordenador do Programa de alfabetização do Ministério da Educação da Guiné-Bissau, em 1976.

Paulo Freire é cidadão do mundo. Abaixo, nas Ilhas Figi, promovendo alfabetização.

Ao ser chamado para conduzir o projeto educacional da Guiné-Bissau, Paulo Freire nos relata suas emoções, identificações e angústias. Opta por não prescrever um receituário pedagógico; ao contrário, partilha o esforço comum de conhecer a realidade que busca transformar, na ajuda e conhecimento mútuos.

Uma das aproximadamente 80 classes de povos nômades do deserto do Quênia que alfabetizavam com o método Paulo Freire, em 1985.

Poucas alegrias foram tão grandes em sua vida quanto ver suas palavras pronunciadas, agora, em línguas de culturas africanas, ou no português "de lá", construindo momentos de alfabetização com o uso de seu método. Esse será o momento em que as leituras de Franz Fanon, Amilcar Cabral, Samora Machel ou Julius Nyerere serão tão marcantes quanto às de conhecidos intelectuais brancos e europeus.

Em uma outra direção, as idéias de Paulo Freire viajam mais do que ele mesmo. Elas começam a ser, cada vez mais, lidas e traduzidas em várias e diferentes línguas. Em menos de dez anos, ele se transforma em um dos educadores mais conhecidos e influentes. Todos aqueles que se voltam para a construção de "novos tempos" reconhecem que é quase impossível pensá-los sem a contribuição de Paulo Freire. Foi já no exílio que Paulo completou o seu trabalho mais conhecido e traduzido em todo o mundo.

Itália

Indonésia

Espanha

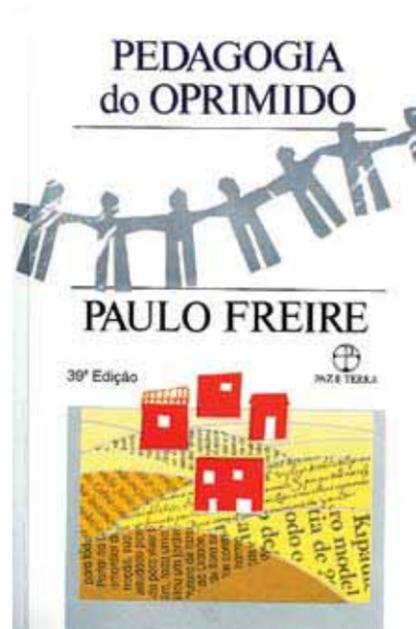
Argentina

Espanha

A obra de Paulo Freire foi traduzida em mais de 20 idiomas.

Itália

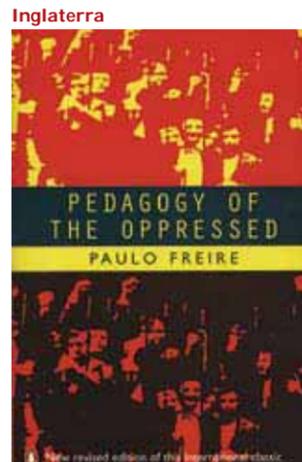
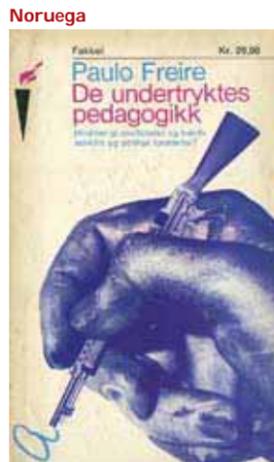
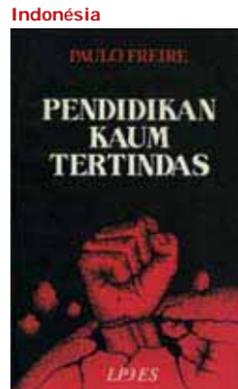
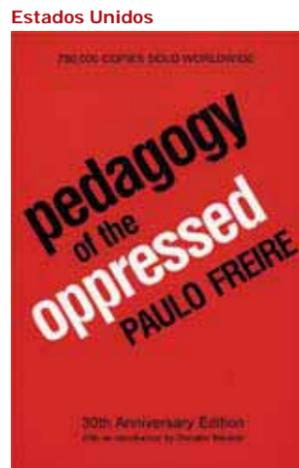
Argentina

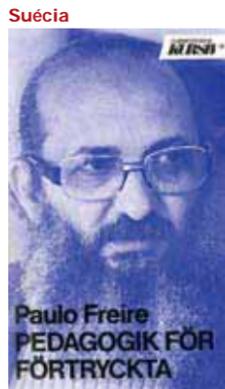
Inglaterra

Alemanha

Holanda

Alemanha

Brasil

O livro Pedagogia do Oprimido, uma das obras mais importantes de Freire, está presente em todos os continentes.

Inglaterra

Noruega

Indonésia

Estados Unidos

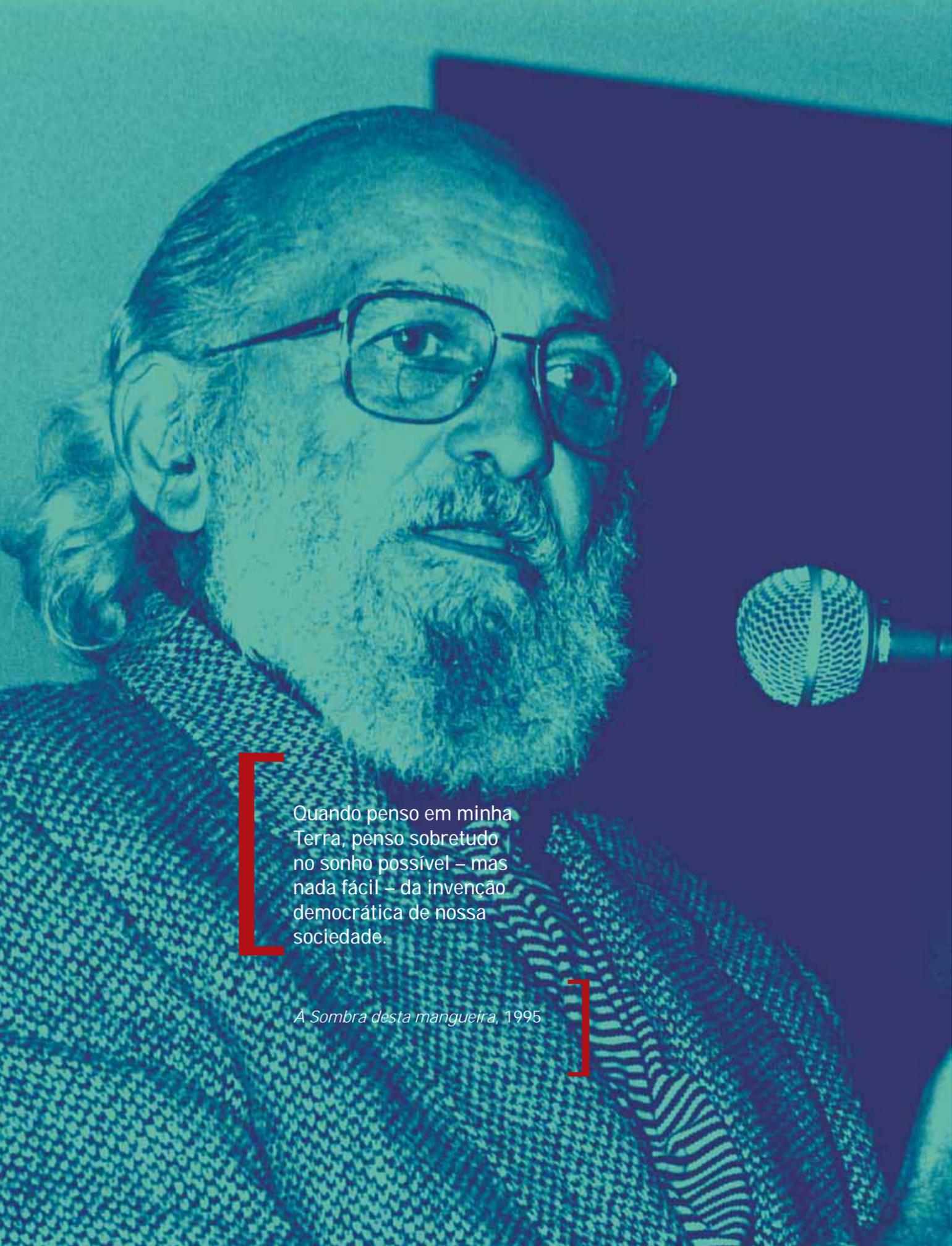
Itália

Suécia

França

Em várias línguas *Pedagogia do oprimido* foi traduzido, lido, debatido e aplicado por pensadores e militantes, por educadores eruditos e trabalhadores populares de todo o mundo. Devem ser muito raros em toda a longa história universal da educação os livros que, como o seu, serviram tanto a educadores de carreira quanto a inúmeros outros estudiosos e militantes das causas sociais, e mesmo a pessoas que pouco tinham a ver com a educação. Entre os últimos anos dos "sessenta" e os primeiros anos dos "setenta", o que antes acontecia no Brasil e na América Latina difunde-se por todo o mundo. Cada vez mais os livros de Paulo Freire tornavam-se um dos pilares das pedagogias críticas e dos movimentos populares. E assim é até hoje.

No entanto, no Brasil suas idéias seguiam sendo vigiadas e os seus livros, proibidos, mesmo em universidades. Apenas às escondidas falava-se sobre Freire e difundiam-se os seus livros e as suas palavras, ao mesmo tempo em que, em todo o mundo livre, governos populares, universidades, instituições privadas e públicas disputavam a sua presença e o cumulavam de um merecido reconhecimento. Algum tempo após seu retorno ao Brasil, em uma entrevista com Frei Betto, Paulo Freire lembra desta maneira o que representaram os anos de exílio:

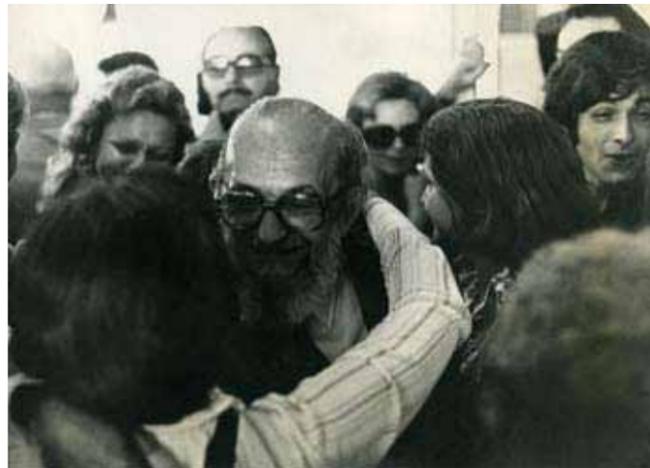
> Para mim o exílio foi profundamente pedagógico. Quando exilado, tomei distância do Brasil, comecei a compreendê-lo melhor.
> Foi exatamente ficando longe dele, preocupado com ele, que me perguntei sobre ele. E, ao me perguntar sobre ele, me perguntei sobre o que fizeram com outros brasileiros, milhares de brasileiros da geração jovem e da minha geração. Foi tomando distância do que fiz, ao assumir o contexto provisório, que pude melhor compreender o que fiz e pude melhor me preparar para continuar fazendo algo fora do meu contexto e também para me preparar para uma eventual volta ao Brasil.[15]

[15] FREIRE, Paulo & FREI BETTO (CHRISTO, Carlos Alberto Libanio). *Essa escola chamada vida*. São Paulo: Editora Ática, 1985, p. 56.

Quando penso em minha Terra, penso sobretudo no sonho possível – mas nada fácil – da invenção democrática de nossa sociedade.

À Sombra desta mangueira, 1995

8. O Retorno de um Educador sem Fronteiras.

E o dia do retorno chegou afinal. Em agosto de 1979, Paulo volta apenas por alguns dias ao Brasil. Em junho de 1980, ele volta com a família definitivamente, para atender ao convite para ser professor da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Volta não para Recife e Pernambuco, mas para a cidade de São Paulo, onde viverá toda a sua "vida de retorno do exílio".

Quando já era um docente da PUC/SP, a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Paulo foi nomeado professor da Universidade Estadual de Campinas. Nessa universidade ele participou da fundação do Centro de Estudos em Educação e Sociedade — CEDES. Logo a seguir ele participará também da criação do Conselho Latino-Americano de Educação de Adultos, do qual será sempre o "Presidente Honorário".

No aeroporto, Freire é recepcionado por uma multidão. Anuncia que chega "para reaprender o Brasil". Ao lado, com Elza e sua irmã Stella.

Freire volta, para "reaprender o Brasil"

Reconhecido mundialmente, Freire retorna como um dos mais importantes educadores da época.

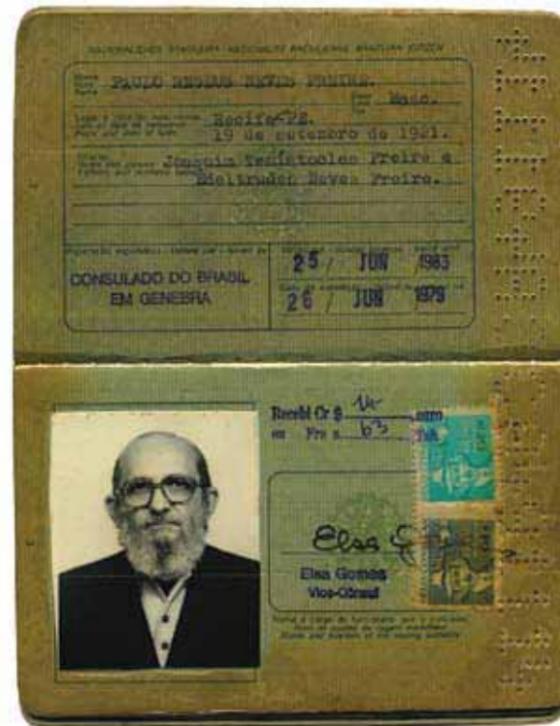
Campinas, terça-feira, 2 de setembro de 1980

Luta na Unicamp continua

Burocracia impede a vinda de Freire

A luta pela designação do professor Paulo Freire para a Unicamp ainda não terminou.

Salas superlotadas

Paulo Freire retorna pela primeira vez ao Brasil em agosto de 1979. Fica apenas um mês e volta para Genebra.

Depois de 16 anos de exílio, Freire consegue o tão sonhado passaporte para entrar no Brasil e reconquista seu Título de Eleitor.

Aqueles foram momentos de um tempo de um duplo retorno: a volta ao seu amado Brasil e o retorno à vida de professor de sala-de-aula, atividade a que pouco ele pôde se dedicar quando no exílio na Europa, embora por algum tempo tenha lecionado na Universidade de Genebra. Nas salas de aula, Paulo Freire volta a conviver com estudantes. E, de novo, coloca em prática suas idéias e seus valores pedagógicos de sempre. Ele foi um professor que vinha dizer a sua palavra sem impor os seus saberes, mas um docente-aprendente que se anunciava como alguém aberto a ouvir antes de falar e a aprender

ensinando. Suas aulas eram o diálogo, as trocas livres e solidárias de idéias, muitas delam nascidas muito mais das experiências de vida dos estudantes do que de suas leituras teóricas. Seu lema de vida e trabalho era o princípio de que "estudar educação" não deveria ser um exercício ocioso e acadêmico. Deveria ser, antes, uma formação integral e crítica da pessoa que estuda para se devotar a um compromisso com as pessoas de seu mundo e, mais ainda, com as pessoas do povo.

Sua didática visa à criação de um clima de busca, de pesquisa, de diálogo e de respeito ao outro. Um clima do "trabalho de ensinar-e-aprender" que torne a aula uma vivência de trocas e de reciprocidades.

Uma amorosa troca contínua que torne o aprendizado uma relação ao mesmo tempo cientificamente rigorosa e afetivamente interativa e fecunda. Cada estudante é chamado a se sentir e a se reconhecer como uma fonte única e original de saberes e de sensibilidades. Cada integrante do grupo deve assumir que sua individualidade é única, mas que ele só se realiza plenamente no coletivo social.

E a diversidade de formas de conhecimento deve ser compreendida como um valor de diferença entre pessoas iguais e solidárias em suas peculiaridades, bem mais do que como uma hierarquia entre estudantes e professores, considerados como desiguais em seus saberes e competitivos em seus interesses.

No Brasil, Freire volta a dar aulas em Universidades e se envolve nos movimentos sociais, especialmente na área da educação.

Em El Salvador, no Comitê Intergremial para a Alfabetização.

Nas Universidades ou na ação popular, Freire manteve o foco de defender as causas e as lutas dos oprimidos e das oprimidas.

Da mesma maneira como muitos anos antes acontecera no início de sua carreira em Pernambuco, também em São Paulo o professor Paulo não limitou o seu trabalho universitário e de educador aos âmbitos da academia e do ensino superior. Ao contrário, a sua carreira continua a ser dirigida pelo desejo de dedicar-se à alfabetização e à educação das pessoas deixadas à margem da vida e da escola. Sua fidelidade mais intensa continuará sendo para com os grupos e movimentos populares. Mesmo após os setenta anos de idade, quantas vezes Paulo Freire deixará o conforto de São Paulo e as salas da "Católica de São Paulo" para ir compartilhar suas idéias e propostas com lavradores assentados da Reforma Agrária, em algum recanto rural distante.

Seu vínculo com os movimentos populares permaneceu sempre como uma prioridade de vida. Várias vezes Paulo Freire recusou convites de instituições de renome, no Brasil e no exterior, para não faltar a um compromisso assumido com algum movimento popular, mesmo que pequeno.

Junto com Lula e outras lideranças, Paulo Freire foi um dos fundadores do Partidos dos Trabalhadores.

Em 1988 ele aceitou o convite de Luiza Erundina de Souza, prefeita eleita pelo mesmo Partido dos Trabalhadores do qual Paulo Freire havia sido um dos fundadores e militante, para ser o Secretário de Educação do Município de São Paulo. Tomou posse do cargo em 1º de janeiro de 1989.

PT
PARTIDO DOS TRABALHADORES

NOME: Paulo R Neves Freire
VIA:
ZONA ELEIT: 002
MUNICÍPIO: São Paulo
UF: SP
SEÇÃO: 0055
Nº DO TÍTULO: 1984420101-08
CIDADE/ZONAL/NÚCLEO: São Paulo
UF: SP
ENDEREÇO: Rua, Av., Tv: Rua Valença, 170 Alto do Sumaré São Paulo SP
Bairro / Cidade
CEP: 01254-060
TELEFONE: RESID (X) 263.3389 COM. ( )
CARTEIRA DE IDENTIDADE: 15.669.414
ORG.EMISSOR: SSP
C.P.F: 036438488-38
DATA NASC: 190921
PROFISSÃO: Professor/Escritor
VISTO DM:
Nº DA INSC. NO PARTIDO:
DATA: / /
ASSINATURA DO FILIADO

DECLARO QUE ESTOU DE ACORDO COM O PROGRAMA E ESTATUTO DO PARTIDO E QUE CONTRIBUIREI FINANCEIRAMENTE, DE ACORDO COM O ESTATUTO.

Recortar e enviar para o Diretório Nacional

Ficha de cadastro de Paulo Freire no Partido dos Trabalhadores.

Como Secretário de Educação da cidade de São Paulo, na gestão de Luiza Erundina, Paulo Freire foi atuante e, entre outras ações, criou o Mova-SP, um movimento de alfabetização de jovens e adultos.

Manisfestação para que Paulo Freire permanecesse como Secretário de Educação, em 1990.

Momento da posse como Secretário, em 1989.

Ana Maria Araújo Freire comenta assim o que foi o fecundo período em que ele esteve à frente da educação em São Paulo:

> Suas decisões políticas, nascidas de sua própria teoria e de suas práticas de educador pelo mundo – não seria exagero dizer do mundo –, como também nascidas da práxis educativa das pessoas da equipe técnica que o assessorou, as quais traduziam a vontade e a necessidade das comunidades, marcaram, indelevelmente, a educação da rede de ensino do município de São Paulo.
> Assim, "seu" trabalho foi profícuo, "mudando a cara da escola", como costumava dizer. Reformou as escolas, entregando-as às comunidades locais dotadas de todas as condições para o pleno exercício das atividades pedagógicas. Reformulou o currículo escolar para adequá-lo também às crianças das classes populares e procurou capacitar melhor o professorado em regime de formação permanente. Não se esqueceu de incluir o pessoal instrumental da escola como agente educativo, formando-o para desempenhar adequadamente tal tarefa. Eram os vigias, as merendeiras, as faxineiras, as(os) secretárias(os) que, ao lado de diretores(as), professores(as), alunos(as) e pais de alunos(as), faziam do ato de educar um ato de conhecimento, elaborado em cooperação a partir das necessidades socialmente sentidas.[16]

Uma vez mais o professor Paulo estava às voltas com a alfabetização de jovens e de adultos. Ele e a sua nova equipe trabalharam intensamente na criação do MOVA – Movimento de Alfabetização. Em incontáveis locais populares da cidade de São Paulo e de sua periferia, um amplo programa solidário de educação de jovens e de adultos foi posto em marcha. Seu método de alfabetização, revisto e melhorado com a contribuição de outros especialistas em alfabetização e em educação de adultos, volta a ser trabalhado, tantos anos depois das primeiras experiências no Nordeste.
A experiência do MOVA-SP se multiplicaria para outras regiões do país, de tal sorte que até hoje, em vários governos, ela é a escolhida como prioridade educacional na alfabetização e na educação de jovens e adultos, em parceria com organizações da sociedade civil.

[16] FREIRE, Ana Maria Araújo. "*A voz da Esposa*". In: GADOTTI, Moacir (Org.). *Paulo Freire - uma biobibliografia.* São Paulo: Cortez Editora, UNESCO, Instituto Paulo Freire, 1996, p. 47.

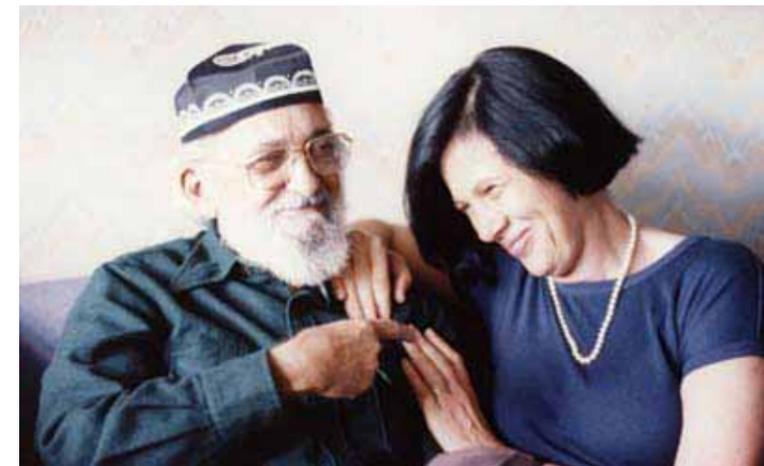
O MOVA BRASIL, de inspiração freireana, é um projeto da Petrobras em parceria com o Instituto Paulo Freire e com a Federação Única dos Petroleiros. Tem a meta de alfabetizar 40 mil jovens e adultos e capacitar 4.600 alfabetizadores em 3 anos.

Essa experiência do MOVA-SP, liderado por Paulo Freire, foi adquirindo novas faces. O Projeto MOVA-Brasil é um bom exemplo. Nasceu em 2003 como proposta da Petrobras em parceria com a Federação Única dos Petroleiros e o Instituto Paulo Freire, com o desafio de alfabetizar 40.000 alunos, formar 1.600 educadores em três anos e promover parcerias locais entre governos municipais, associações e sindicatos para o atendimento das comunidades.
Os diversos MOVAS criados pelo Brasil constituíram a Rede MOVA BRASIL, que, junto com o Fórum Nacional de Educação de Jovens e Adultos, tenta manter viva a proposta original de Paulo Freire. Em junho de 2005 foi realizado em Luziânia, muito perto de Brasília, o V Encontro Nacional da Rede MOVA BRASIL, um grande momento de reencontro de militantes da educação popular libertadora. No grande palco, um painel em cores deixava ver uma imagem de Paulo Freire, de corpo inteiro. A todo o momento ele era lembrado.

O Programa BB EDUCAR, da Fundação Banco do Brasil, é exemplo de prática de cidadania e inclusão social, a partir da concepção freireana para a educação.

Em outubro de 1986, Paulo perdeu Elza, a companheira de vida e de trabalhos de educação, durante quarenta e dois anos. Elza fora uma professora de escola e, em vários momentos, Paulo Freire confessou o quanto devia a ela em suas idéias e em suas propostas de trabalho pedagógico.

Em março de 1988, ele se casou uma outra vez. Como em uma dessas histórias humanas e eternas de amor, Paulo reencontrou Ana Maria Araújo Hasche. Ela é filha de Aluízio Araújo, o professor que, muitos anos antes, facultou ao então adolescente Paulo a conclusão dos seus estudos escolares, no distante Recife da adolescência.

Paulo Freire reencontrou o amor e iniciou uma nova etapa de vida em março de 1988, ao lado de Ana Maria Araújo Freire, amiga desde a infância, aluna na adolescência e depois no curso de mestrado da PUC/SP, onde foi seu orientador de Dissertação.

Com Nita, Freire viveu os últimos 10 anos de vida com uma grande energia.

Paulo e Ana Maria se conheceram na infância dela e na juventude dele. Ao longo de suas vidas, eles se encontraram muitas vezes, pois foram sempre muito amigos. Quando ele era professor do Programa de Pós-graduação da "Católica de São Paulo", ela foi novamente sua aluna e depois sua orientanda na elaboração de sua dissertação. Ao lado de Ana Maria – Nita, como ele a chamou sempre –, Paulo viveu os últimos 10 anos de sua vida até nos deixar.

No dia 2 de maio de 1997, Paulo Freire faleceu. Ele tinha 75 anos, mas meses e mesmo dias antes de sua morte ele convivia com Nita, com os filhos e netos dela, seus filhos e netos e seus amigos, com uma tal alegria, com uma tão grande lucidez, com uma tamanha entrega ao trabalho, que parecia carregar bem menos anos de idade e fadigas de vida do que realmente tinha e vivia.

Logo após a sua morte, um jornal de Pernambuco publicou uma carinhosa caricatura. Um homem de longos cabelos e com as barbas brancas, de um olhar jovem e doce, aparece sentado numa cadeira apoiada em uma nuvem. Dois pequeninos anjos-crianças estão sobre as suas pernas. Com um livro nas mãos brancas de giz e por trás dos óculos inseparáveis, ele ensina os pequenos anjos a ler.

Nas mais diversas representações, a morte de Paulo Freire foi evidenciada como uma grande perda para a educação no mundo.

A morte de Paulo Freire repercutiu na imprensa nacional e mundial. O professor do mundo deixava a sala de aula.

JORNAL DO BRASIL

Morre Paulo Freire, o homem que revolucionou o ensino

Indignação recheia último texto de Freire

ESPECIAL PAULO FREIRE

Morre Paulo Freire, professor do mundo

EDUCACION

A LOS 75 AÑOS MURIO EN BRASIL EL PEDAGOGO PAULO FREIRE

EDUCAR COMO PRACTICA DE LIBERTAD, UN MANDATO QUE RESISTIO DICTADURAS

Senado Federal
Gabinete do Presidente

Brasília, 5 de maio de 1997

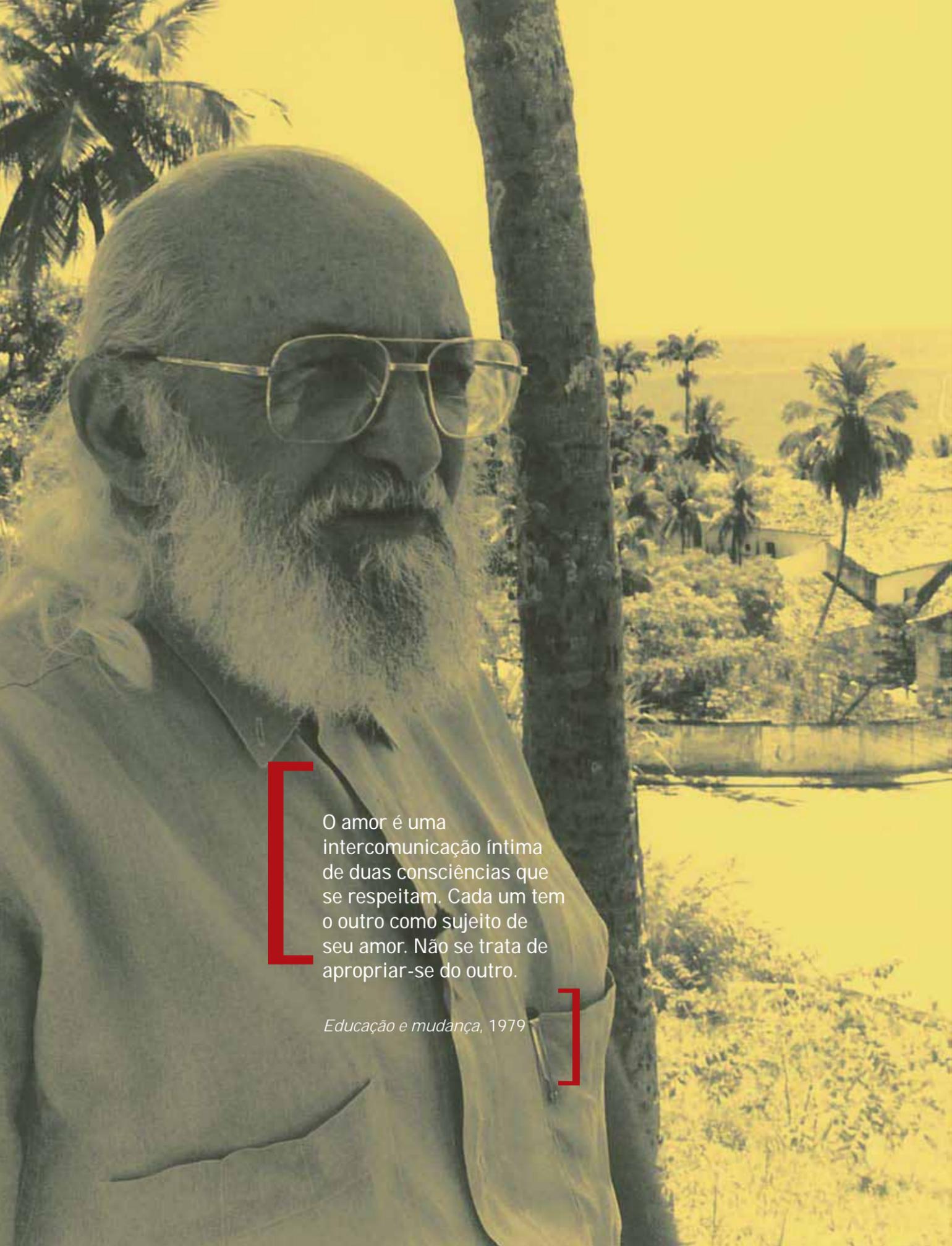
Prezada Senhora,

Participo a Vossa Senhoria e digníssima família que o Senado Federal, a requerimento do nobre Senador José Eduardo Dutra e outros Senhores Senadores, inseriu em Ata da Sessão de 2 de maio do corrente ano, voto de profundo pesar pelo falecimento do Educador Paulo Freire, tendo a Mesa se associado às merecidas homenagens prestadas na ocasião.

Cordiais saudações

Senador Antonio Carlos Magalhães
Presidente do Senado Federal

Ilustríssima Senhora
Ana Maria de Araújo Freire
dbb/.

Carta de Condolências dos Senadores da República do Brasil.

[O amor é uma intercomunicação íntima de duas consciências que se respeitam. Cada um tem o outro como sujeito de seu amor. Não se trata de apropriar-se do outro.

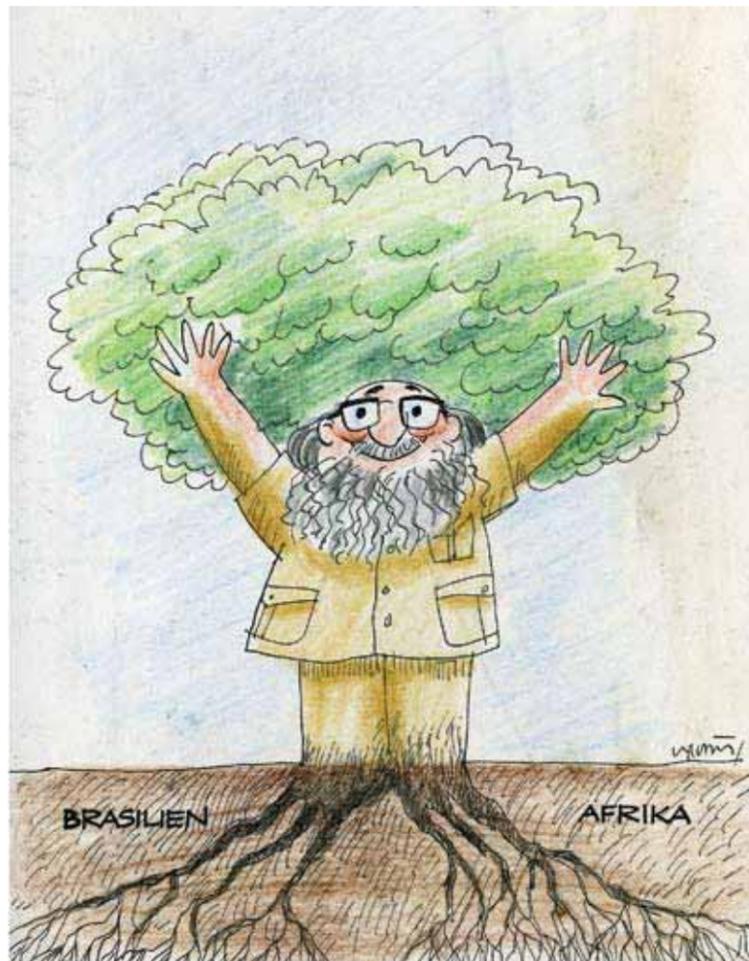
Educação e mudança, 1979]

9. Educar com o Amor, Educar para Amar a Vida.

Paulo Freire sempre foi uma pessoa amorosamente atenta à natureza. Plantas e animais acompanharam sempre suas imagens e memórias. Em 1982, ele descreveu em um outro livro seu, *A importância do ato de ler*, a velha casa e a sua vida ali:

Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós – à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos que me preparavam para riscos e aventuras maiores.

A velha casa, seus quartos, seu corredor, seu sótão, seu terraço – o sítio das avencas de minha mãe –, o quintal amplo em que se achava, tudo isso foi o meu primeiro mundo. Nele engatinhei, balbuciei, me pus de pé, andei, falei. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como o mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras.[17]

Ilustração de Claudius Ceccon.

[17] FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez Editora, 2005, p. 12 e 13.

O livro trata da importância do ato de ler em uma comunicação, sobre as relações da biblioteca popular com a alfabetização de adultos e expõe a experiência de alfabetização de adultos desenvolvida em São Tomé e Príncipe

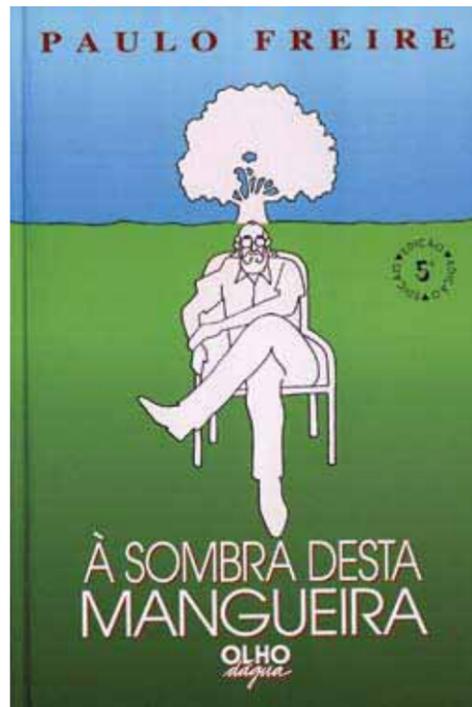
Tudo o que foi a matéria-prima de sua atividade de educador – “textos”, “palavras”, “letras” – serviu para falar de um mundo natural que foi sempre uma referência de vida para ele.

Os “textos”, as “palavras”, as “letras” daquele contexto se encarnavam no canto dos pássaros – o do sanhaçu, o do olha-pro-caminho-quem-vem, o do bem-te-vi, o do sabiá, na dança das copas das árvores, sopradas por fortes ventanias que anunciavam tempestades, trovões, relâmpagos, as águas da chuva brincando de geografia: inventando lagos, ilhas, rios, riachos. O mundo me aparecia no assobio do vento, nas nuvens do céu, nas suas cores, nos seus movimentos; na cor das folhagens, na forma das folhas, no cheiro das flores – das rosas, dos jasmins –, no corpo das árvores, na casca dos frutos; na tonalidade diferente de cores de um mesmo fruto em momentos distintos: o verde da manga-espada verde, o verde da manga-espada inchada, o amarelo esverdeado da mesma manga amadurecendo, as pintas negras da manga mais além de madura.
Daquele contexto faziam parte igualmente os animais: os gatos da família, a sua maneira manhosa de enroscar-se nas pernas da gente, o seu miado, de súplica ou de raiva; Joli, o velho cachorro negro de meu pai, o seu mau humor toda a vez que um dos gatos incautamente do lugar em que se achava comendo e que era – “estado de espírito” o de Joli, em tais momentos, completamente diferente do de quando quase desportivamente perseguia, acuava e matava um dos muitos timbus responsáveis pelo sumiço de gordas galinhas de minha avó.[18]

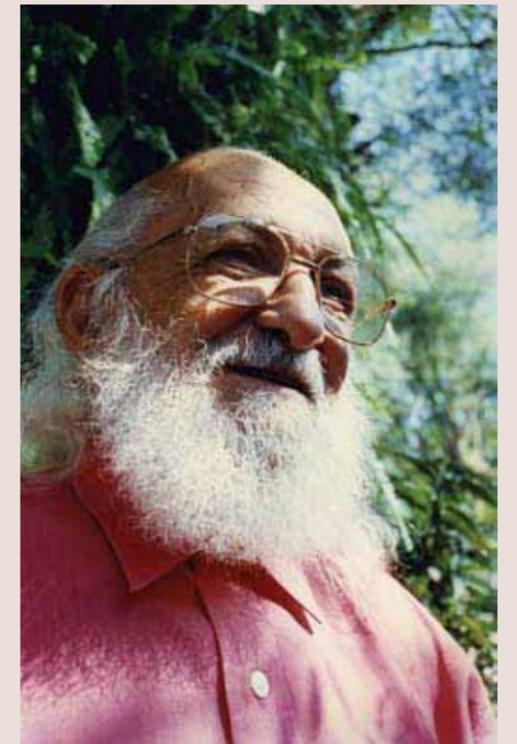
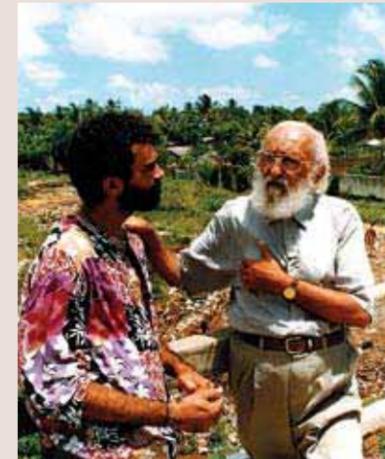
[18] Idem, ibidem, p. 12 e 13.

A natureza viva do Nordeste acompanhou Paulo por toda a vida. Um outro livro em que ele se volta ao mundo da natureza é *À sombra desta mangueira*. Neste, assim ele lembra as suas árvores de menino:

> As árvores sempre me atraíram. As frondes arredondadas, a variedade do seu verde, a sombra aconchegante, o cheiro das flores, os frutos, a ondulação dos galhos, mais intensa ou menos intensa em função da resistência ao vento. As boas vindas que suas sombras sempre dão a quem chega, inclusive aos passarinhos multicores e catadores, a bichos, pacatos ou não, que nelas repousam.
> Nascido no Recife, menino de uma geração que cresceu em quintais, em íntima relação com árvores, minha memória não podia deixar de estar repleta de experiências de sombras, que as gentes nascidas nos trópicos cedo incorporam e dele falam como se tivessem nascido com ele.[19]

Neste livro Paulo Freire aparece como o homem do mundo mas fiel às suas referências nordestinas, à sua proposta transformadora.

A casa onde Paulo Freire nasceu, em Recife.

[19] FREIRE, Paulo. *À sombra desta mangueira*. São Paulo: Editora Olho d'Água, 1995, p. 15.

O sempre retorno a Recife. Paulo Freire conversando ao fundo de um lixão com o educador popular Antonio Denilson Rodrigues Pinto, em 1996.

Na página 24 do mesmo livro, ele volta a falar das árvores:

> Meu primeiro mundo foi o quintal de casa, com suas mangueiras, cajueiros de fronde quase ajoelhando-se no chão sombreado, jaqueiras e barrigudeiras. Árvores, cores, cheiros, frutas que, atraindo passarinhos vários, a eles se davam como espaço para seus cantares.

E em uma das suas últimas declarações, ele nos deixou esta pequena e comovente confissão:

> Eu gostaria de ser lembrado como alguém que amou o mundo, as pessoas, os bichos, as árvores, a terra, a água, a vida![20]

[20] Declaração dada em entrevista a Edney Silvestre, em Nova Iorque, 1997, publicada em *Pedagogia da tolerância*, pela Editora UNESP, p. 329, em 2005.

Desrespeitando os fracos, enganando os incautos, ofendendo a vida, explorando os outros, discriminando o índio, o negro, a mulher não estarei ajudando meus filhos a serem sérios, justos e amorosos da vida e dos outros.

Pedagogia da indignação, 2000

10.

Andarilho da Utopia e Semeador da Esperança.

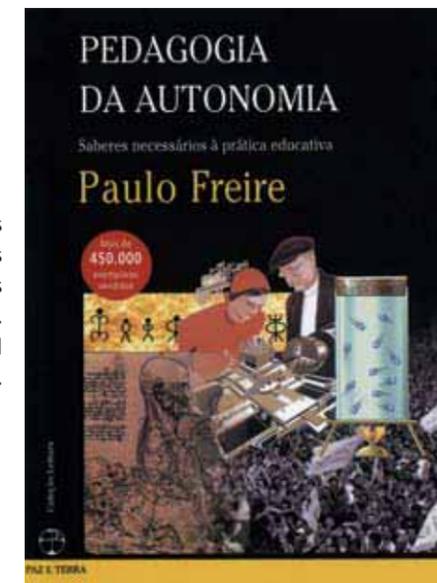
Eis um ideal de Paulo Freire: educar mulheres e homens, tendo colocado sua melhor atenção na das pessoas do povo. Formar crianças, jovens e adultos oferecendo a eles o que de melhor possa haver no trabalho do educador. Pessoas que não estudem somente para conhecerem mais as coisas, mas que todos os dias estejam aprendendo para saberem mais sobre si mesmas, sobre a vida e o mundo. Mulheres e homens que se eduquem de fato e não sejam apenas "instruídos", para partirem do que aprendem e sabem em direção a três patamares de transformações humanizadoras: a de suas vidas pessoais, a das relações entre eles e os outros, a do mundo social em que vivem e que constróem com o seu trabalho e a sua participação.

Depois de seus primeiros livros, ao mesmo tempo em que as suas idéias tão inovadoras iam sendo acolhidas com entusiasmo, ele começou a ser chamado por alguns de seus críticos de sonhador "utópico" e "romântico". Claro! Pois como ousar pensar tão alto sobre o valor e o destino da pessoa humana e como acreditar que a educação tem aí um lugar tão essencial na formação de seus praticantes e não ser visto por alguns como um militante realista e revolucionário e, por outros, como um ingênuo sonhador de utopias irrealizáveis?

Reunião no Instituto Paulo Freire com a participação de Moacir Gadotti, seu Diretor, e demais integrantes da entidade.

Em seus últimos livros ele comenta isso, ao mesmo tempo em que reclama um profundo valor ético no trabalho do educador, ao lembrar que, se existem princípios e valores éticos universais, eles não devem só ser trazidos de longe ou dados "de fora para dentro" às pessoas. Ao contrário, eles constituem a própria condição de nós virmos a ser quem somos, tornando-nos mais e mais humanos.

> Quando, porém, falo de uma ética universal do ser humano, estou falando de uma ética enquanto marca da natureza humana. Ao fazê-lo, estou advertido das possíveis críticas que, infiéis ao meu pensamento, me apontarão como ingênuo e idealista. Na verdade falo da ética universal do ser humano da mesma forma como falo de sua vocação ontológica para o ser mais, como falo de sua natureza constituindo-se social e historicamente como um a priori da história. A natureza que a ontologia cuida se gesta socialmente na história. É uma natureza em processo de estar sendo com algumas conotações fundamentais sem as quais não teria sido possível reconhecer a própria presença humana no mundo como algo original e singular.[21]

Neste livro, Freire fala das virtudes necessárias aos professores e professoras para o ato de educar. Mais de 650 mil exemplares publicados.

[21] FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005, p. 18.

Todos nós, seres humanos, existimos na história e como seres históricos. Como pessoas de uma sociedade e como participantes de sua cultura, somos também sujeitos da história, como Paulo Freire tantas vezes costumava repetir. E se assim é, então devemos pensar e agir como atores e agentes de uma história humana que podemos não apenas viver e seguir, mas construir e transformar.

Paulo Freire sempre foi contrário à idéia de que nós somos submetidos a um destino situado fora de nós e de nossas vidas e da vida coletiva de nossas sociedades. Nada mais distante de seu pensamento do que a crença de que a História acabou, como se algo acontecesse independente de nós, de quem somos e que comande a ordem e as mudanças do mundo em que vivemos.

"Que coisa estranha, brincar de matar índio, de matar gente. Fico a pensar aqui, mergulhado no abismo de uma profunda perplexidade, espantado diante da perversidade intolerável desses moços desgentificando-se, no ambiente em que decresceram em lugar de crescer."

Escrito de Paulo Freire sobre o assassinato do índio Galdino, queimado nas ruas de Brasília, onde ele expressa sua indignação pela ausência de ética no país.

Paulo Freire defendeu a idéia de que a pessoa humana é um ser inacabado, sempre aperfeiçoável e, portanto, capaz de aprender mais e de acrescentar ao que já sabe e pensa algo novo e inesperado. Não há em seu pensamento limites para o conhecimento humano e, menos ainda, para a consciência de quem aprende e conhece. Ele foi um dos principais difusores da idéia de que, cada dia mais, estaremos destinados a viver em um tempo em que o saber, a consciência e o diálogo haverão de tornar-se os eixos do centro da própria experiência humana.

Somos seres que em boa medida nos educamos para o trabalho. Mas, antes e depois dele, somos pessoas destinadas ao saber, ao conhecimento. Assim, tanto para o exercício consciente e eficiente de nossos ofícios quanto para a experiência de uma vida em busca de todas as formas e dimensões do conhecimento, nós somos pessoas em quem a aprendizagem deveria ser uma vivência de todos os dias, ao longo de toda a vida.

O professor Paulo não é reconhecido no Brasil e em todo mundo por ter sido o criador de um método de trabalho pedagógico. Ele não segue sendo até hoje tão lido e debatido apenas por causa de suas idéias sobre a pedagogia. Aqueles que só conhecem a superfície de sua obra só recordam o "Método Paulo Freire" para a alfabetização de jovens e adultos. Mas os que o lêem mais a fundo sabem que ele construiu uma inovadora teoria da aprendizagem e do conhecimento.

Seu projeto original de educação estava destinado às pessoas mais pobres da sociedade brasileira. Nunca é demais repetir que era com o povo, a seu serviço e em seu nome, que ele viveu sua vida de militante de causas populares e de educador.

As etapas do "Sistema Paulo Freire" eram estas:

1. alfabetização infantil;
2. alfabetização de jovens e adultos;
3. ciclo primário;
4. extensão cultural, por meio de um Instituto de Ciências do Homem;
5. Centro de Estudos Internacionais.

E todas essas etapas constituiriam a base de uma Universidade Popular. Também não é só a criação de um sistema de educação o que tornou Paulo Freire um expoente do pensamento humanista e pedagógico. O que o fez ser tão importante e tão original foi a sua proposta de uma educação crítica. Uma educação que ousou ir bem além do que inovavam, em sua época, os educadores da chamada "escola nova".

E foi em nome da busca contínua de uma educação libertadora que Paulo Freire nos lembra que ela não é uma "coisa". A educação nossa e de nossos filhos não é mercadoria, mas um direito essencial da pessoa humana. Não é uma técnica pura, mesmo em um mundo em que tudo parece depender de tecnologias. Não é uma experiência parada no tempo e a ser mantida e preservada em seu imobilismo ao longo dos anos e das eras.

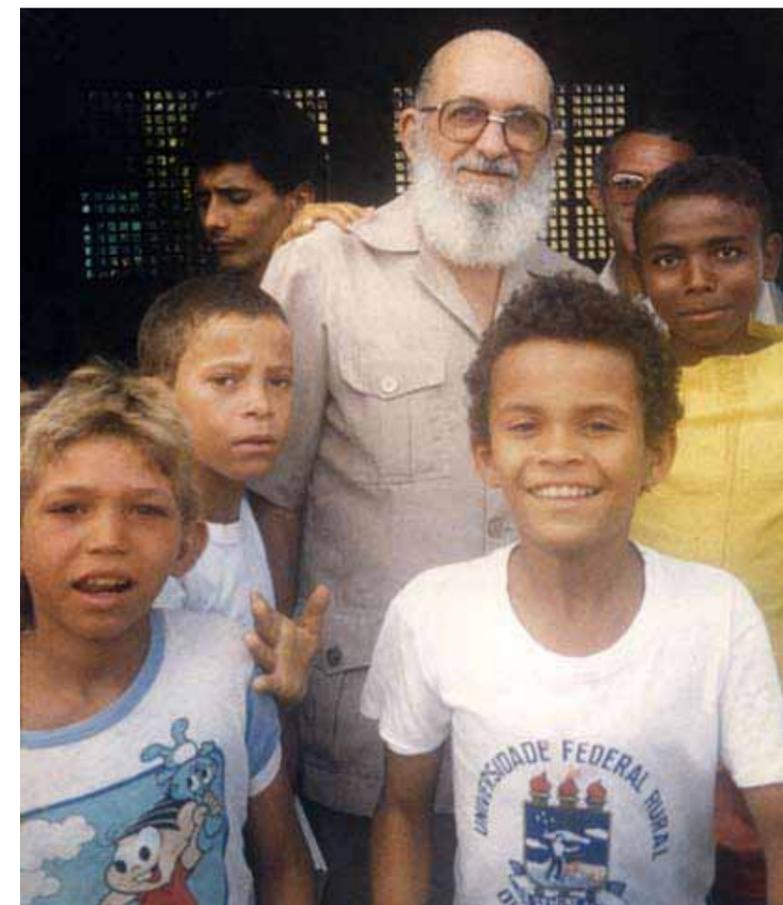
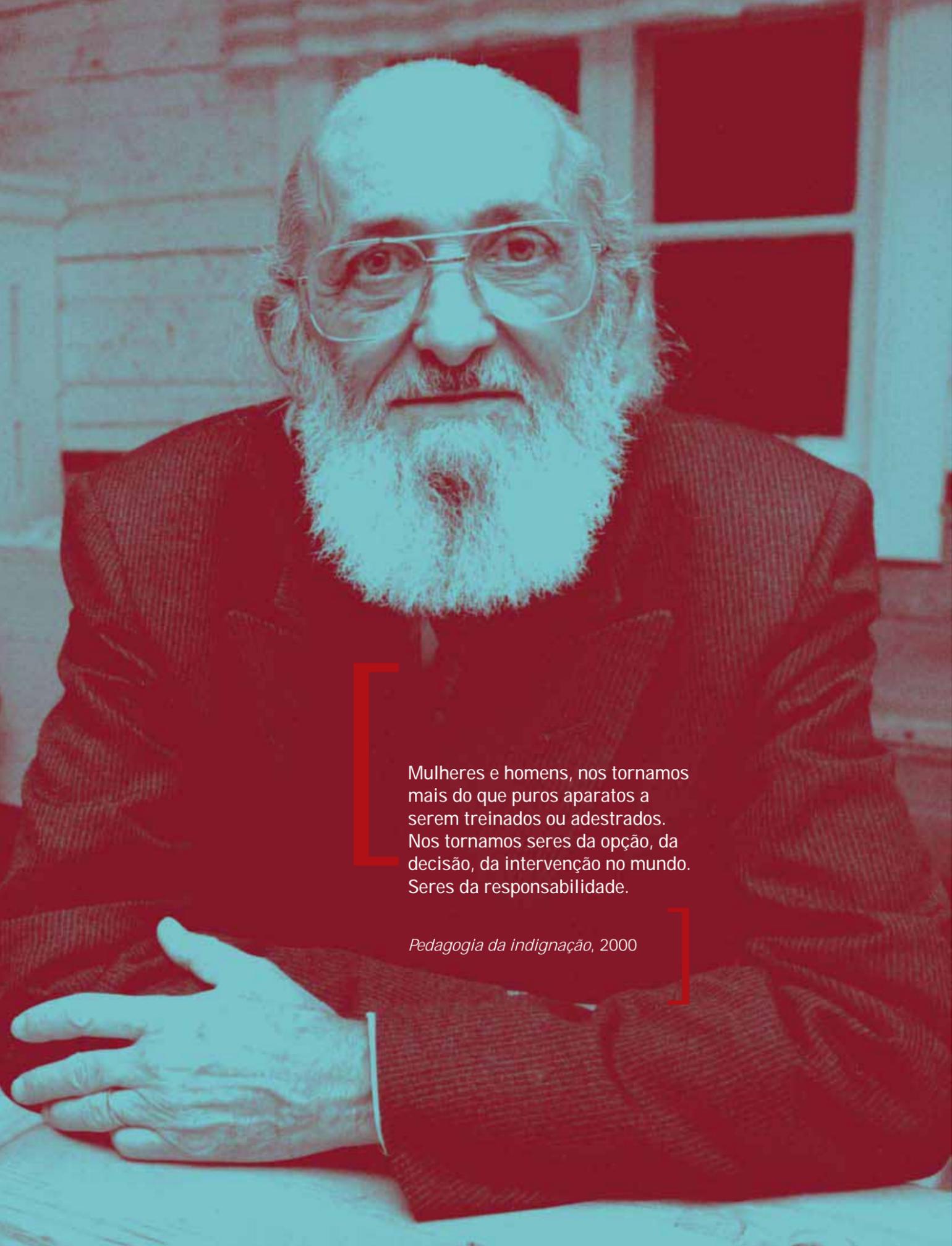
A educação é uma das dimensões da cultura. É obra de mentes e de mãos humanas, como tantas outras com que convivemos a cada dia de nossas vidas. E como tudo o mais

que nós criamos para viver e conviver, a educação somente liberta e humaniza quando ela é conscientizadora e contribui para o processo de desalienação – razão pela qual ela deve ser sempre (re)criada. A educação que nos faz ser quem somos é uma criação nossa. E, na medida em que vivemos a experiência dialógica e dialética do processo cultural de nos educarmos, seja como educadores, seja como educandos, é que são geradas as condições para a nossa mudança e as transformações educacionais.

E, se a idéia de que a educação pode e deve ser sempre atualizada e mesmo transformada para melhor é antiga, ela tem um peso ainda maior agora, em um tempo como o nosso, num momento da trajetória humana em que tudo se acelera tanto em todos os planos da vida e do conhecimento. Vivemos hoje num tempo em que tudo se transforma cada vez mais depressa.

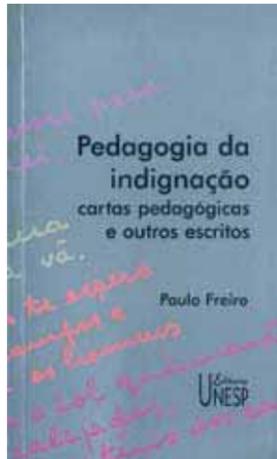
"Inédito viável" era uma das expressões favoritas de Paulo Freire. E o que vem a ser o "inédito viável"? Inédito viável é a coragem de colocar-se frente ao velho e ao que parece impossível e antever aí a possibilidade de criação do novo. Por isso, Paulo costumava associar essas duas palavras junto com uma outra: "utopia". Uma bela palavra grega que tinha para ele o sentido de um lugar de vida livre e feliz, sempre possível de chegar a existir, em lugar de um mundo desumano e arbitrário.

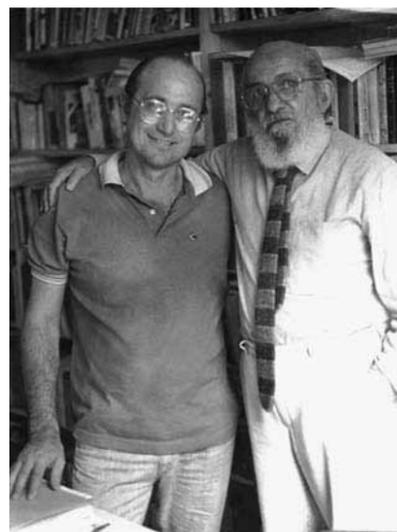
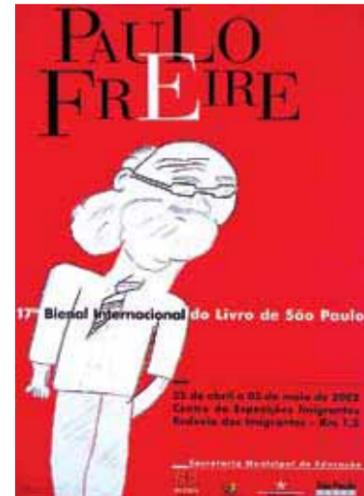
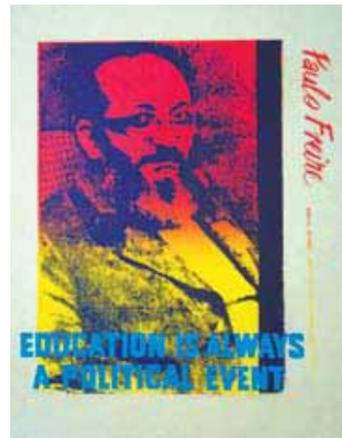
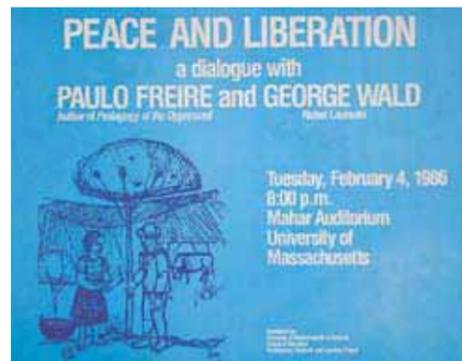
A utopia pedagógica de Paulo Freire surge por meio de uma generosa e severa crítica aos sistemas de ensinar-e-aprender impregnados de uma visão utilitária e instrumental. Uma capacitação que informa sem formar, a que ele deu o nome de "educação bancária". Em nome de uma educação libertadora, o exato oposto da "bancária", é que Paulo e os que procuram ser seus re-criadores assumem o compromisso de vida e de trabalho a serviço dos povos do Brasil, educando-os e formando-os para que eles aprendam a ser os criadores de suas vidas livres, de suas culturas emancipadas e de suas sociedades justas e felizes.

Paulo Freire gostava muito de estar perto das crianças, dos homens e mulheres pelos e com quais tanto lutou.

Mulheres e homens, nos tornamos mais do que puros aparatos a serem treinados ou adestrados. Nos tornamos seres da opção, da decisão, da intervenção no mundo. Seres da responsabilidade.

Pedagogia da indignação, 2000

11. A Herança de Paulo Freire.

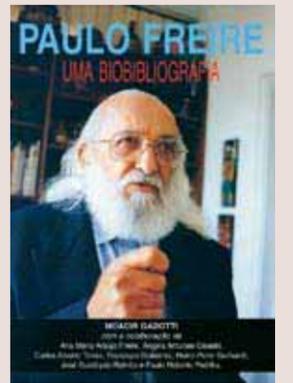
Paulo Freire permance vivo no seu legado de profunda trnsformação e ação renovadora do processo de alfabetização e nos sistemas de educação popular. Sua obra, sua vida, ficarão para sempre como marco de esperança e sonhos possíveis para as pessoas oprimidas de todo o mundo. Considerado o maior educador do século XX, Paulo Freire é a expressão do compromisso com a justiça e a humanização. Legado que continua vivo no trabalho de pessoas, entidades, ONGs, em eventos e ações de inclusão social, espalhadas e executadas em todo o mundo.

As Pedagogias da Indignação e dos Sonhos Possíveis são coletâneas de reflexões e diálogos de Paulo Freire organizados por Ana Maria Araújo Freire, após a morte do seu marido, cujos títulos foram também por ela nomeados.

Seminários, fóruns e eventos educacionais no Brasil e no mundo discutem a concepção e práticas freireanas.

Paulo Freire e o amigo Moacir Gadotti, também um dos seus principais biógrafos, além de Diretor Geral do Instituto Paulo Freire, entidade referência em informação, consulta e difusão da vida e da obra do educador.

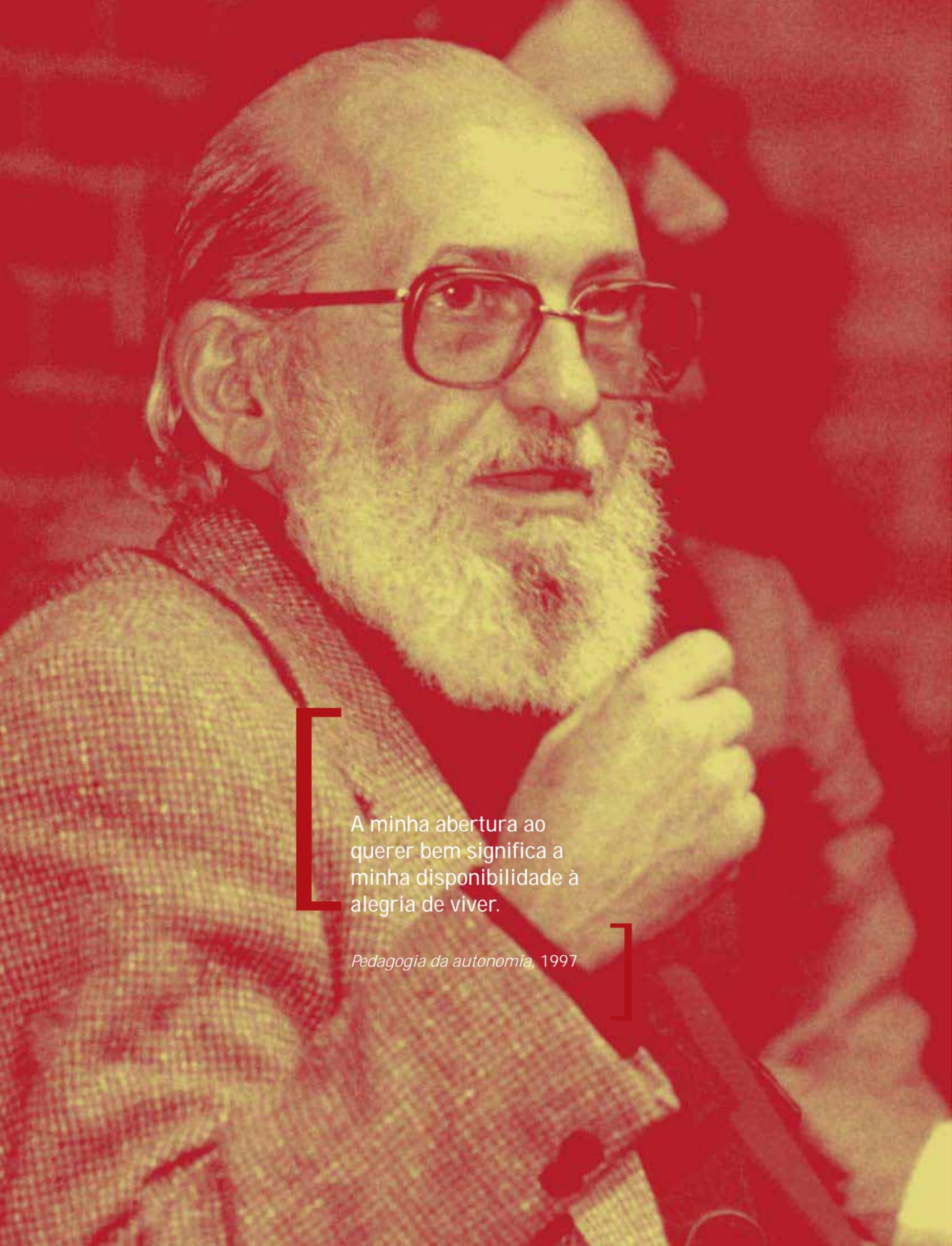
Diversos prêmios levam seu nome, além de ações educativas, como poesias feitas por crianças de Escolas Municipais da cidade de São Paulo.

Em um panfleto eu encontrei
Uma frase sua e analisei:
Fazer o que não existe ainda
Deve ser a pretensão de todo sujeito
Que está vivo.
Ah! Paulo, por que morreu?
Homem de tanta garra,
Com pretensão de ganhar a guerra
Contra a corrupção desta Nação!
Você ensinou o povo a leitura,
A alegria e a autonomia...
Homem como você, o mundo
Precisaria de mais uns três,
Ou mais de mil.

Milena Silva Costa
4º ano do Ciclo I do Ensino Fundamental

Paulo Freire sob o olhar de cerca de 2000 pesquisadores, sua viúva, amigos e educadores de todo o mundo. A obra mais completa sobre Freire publicada até hoje.

UNIFREIRE E COMUNIDADE FREIREANA NO MUNDO

Instituições que levam o nome de Paulo Freire

A Comunidade Freireana reúne instituições e pessoas em mais de 90 países de todos os continentes, todos trabalhando por uma educação libertadora.

A minha abertura ao querer bem significa a minha disponibilidade à alegria de viver.

Pedagogia da autonomia, 1997

12. O Que Ler para Conhecer Mais a Vida e as Idéias de Paulo Freire

Paulo Freire escreveu muito e escreveu a vida inteira. Alguns de seus livros contêm as suas idéias mais amplas e mais profundas a respeito da pessoa humana, da vida social e da educação. Outros são mais específicos e se dirigem a algum aspecto mais particular de sua pedagogia. Outros são livros originados de diálogos com outros educadores. Finalmente existem ainda os seus últimos livros, escritos por ele mesmo em seus últimos anos entre nós, ou já organizados por Nita Freire, contendo cartas, mensagens, ensaios, palestras e outros escritos que de forma alguma poderiam deixar de ser publicados.

Entre os primeiros, dois livros devem ser lembrados: **A educação como prática da liberdade**, publicado em 1967, pela Editora Paz e Terra, do Rio de Janeiro, e aquele que veio a ser um dos seus livros mais conhecidos em todo o mundo: **Pedagogia do oprimido**, publicado pela mesma editora, em 1974. A introdução deste livro traz a indicação: "Paulo Freire – Santiago (do Chile), outono de 1969".

Três outros livros dos "primeiros tempos" devem ser também lembrados: **Extensão ou comunicação?** (Paz e Terra, 1971), **Ação cultural para a liberdade e outros escritos** (Paz e Terra, 1976) e **Educação e mudança** (Paz e Terra, 1981).

Entre os livros mais "especializados", estão: **Cartas à Guiné-Bissau – Registros de uma experiência em processo** (Paz e Terra, 1977) e **A importância do ato de ler – Em três artigos que se completam** (Cortez/Autores Associados, 1982).

Entre os livros de diálogos e entrevistas ao vivo, vale a pena conhecer: **Paulo Freire ao vivo**, em colaboração com Aldo Vannucchi e Wlademir dos Santos (Loyola, 1983); **Essa escola chamada vida**, em co-autoria com Frei Betto (Ática, 1985); **Por uma pedagogia da pergunta**, em co-autoria com Antonio Faundez (Paz e Terra, 1985); **Pedagogia: diálogo e conflito**, em co-autoria com Moacir Gadotti e Sérgio Guimarães (Cortez, 1986); **Sobre educação (diálogos)**, com Sérgio Guimarães (Vol. 1, 1982, Vol. 2, 1984, ambos pela Paz e Terra); **Medo e ousadia – O cotidiano do professor**, em co-autoria com Ira Schor (Paz e Terra, 1987); **Que Fazer: teoria e prática em educação**, diálogo com Adriano Nogueira (Vozes, 1988); **Aprendendo com a própria história**, diálogos com Sérgio Guimarães (Vol 1, 1987, Vol. 2, 2000, ambos da Paz e Terra); **Alfabetização: Leitura do mundo leitura da palavra**, com Donaldo Macedo (Paz e Terra, 1990); **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social**, com Myles Horton (Vozes, 2002); e **A África ensinando a gente: Angola, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe**, com Sérgio Guimarães (Paz e Terra, 2003).

Entre os seus livros da plena maturidade e dos tempos do retorno ao Brasil, sugerimos a leitura de **Pedagogia da esperança – Um reencontro com a pedagogia do oprimido** (Paz e Terra, 1992), com notas de Ana Maria Araújo Freire; **A educação na cidade**, diálogos com vários educadores, (Cortez, 1991); **Política e educação** (Cortez, 1993); **Professora sim, tia não – Cartas a quem ousa ensinar** (Olho d'Água, 1993); **À sombra desta mangueira**, com notas de Ana Maria Araújo Freire (Olho d'Água, 1995); **Cartas a Cristina – Reflexões sobre minha vida e minha práxis**, certamente o livro mais pessoal e autobiográfico de Paulo Freire (Paz e Terra, 1994) e com uma 2ª edição com as notas revistas de Ana Maria Araújo Freire (UNESP, 2003). Completa esta relação o **Pedagogia da autonomia**, publicado pouco antes da morte de Paulo Freire. Este é um pequeno-grande livro indispensável, em que o professor Paulo retoma todas as suas idéias e faz uma síntese de seu pensamento, ao longo das "exigências do ensinar", em que se desdobram os capítulos do livro. Foi publicado na Coleção Leitura, da Editora Paz e Terra, São Paulo, com a primeira edição em 1996.

Pedagogia da indignação (2000), **Pedagogia dos sonhos possíveis** (2001) e **Pedagogia da tolerância** (2005) completam (mas não esgotam) a relação da obra de Paulo Freire. Estas obras foram organizadas por Ana Maria Araújo Freire, publicadas pela Editora UNESP, de São Paulo, na Série Paulo Freire.

Existe uma grande bibliografia que se propõe a estudar a obra de Paulo Freire, tanto na língua nacional como em diversas outras línguas do mundo todo. Lembremos apenas alguns delas publicadas no Brasil.

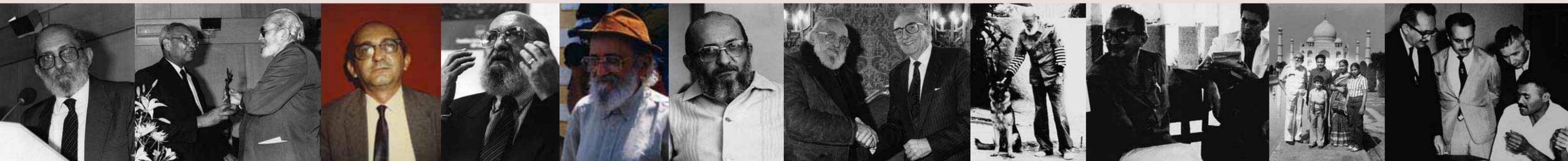
Paulo Freire – uma biobibliografia, publicado pela Editora Cortez, em parceria com a UNESCO e o Instituto Paulo Freire, em 1996. Contém uma relação tão completa quanto possível de boa parte do que se editou de e sobre Paulo Freire. Entre outros livros mais acessíveis, podem ser procurados com proveito os seguintes: **Convite à leitura de Paulo Freire**, de Moacir Gadotti, publicado pela Editora Scipione, de São Paulo, em 1989; **Paulo Freire para educadores**, de Vera Barreto, publicado pela editora Arte & Ciência, em 1998; e **A pedagogia da libertação em Paulo Freire**, com ensaios de 40 pensadores freireanos do Brasil e do mundo, organizado por Ana Maria Araújo Freire (Editora UNESP, 1999 – Série Paulo Freire).

Osmar Fávero coordenou e publicou pela Editora Graal, do Rio de Janeiro, em 1983, alguns dos primeiros escritos de Paulo e sua equipe nordestina, no livro **Cultura popular e educação popular: memória dos anos 60** (Editora Graal-Paz e Terra, 1993). Outro trabalho importante sobre Freire é o livro **Política e Educação Popular**, de Celso de Rui Beisiegel (Ática, 1992).

A Editora da UNESP publicou ainda, em 2005, um livro sobre a vida de Paulo Freire dirigido a crianças, jovens e professores: **Paulo Freire – o menino que lia o mundo**, escrito por Carlos Rodrigues Brandão, com a participação de Ana Maria Araújo Freire. Ele faz parte da Coleção Paulo Freire, por ela dirigida.

O Instituto Paulo Freire publica estudos sobre Paulo Freire na Coleção Freireana, da Editora Cortez, de São Paulo.

Quero lembrar mais dois livros, ambos de Nita Freire. Um, de 1998, um tocante depoimento sobre a última década de vida de Paulo Freire vivida com ela, em **Nita e Paulo – crônicas de amor**, publicado pela Editora Olho d'Água, em 1998. O outro é a extensa biografia de seu marido que vai ser lançada neste ano de 2005, pela Editora Villa das Letras, em parceria com a Fundação Banco do Brasil, por meio do Instituto VEREDA, intitulado **Paulo Freire: uma história de vida**.

Cronologia Básica

1921 – Paulo Freire nasce em Recife, no dia 19 de setembro.
1927 – Entra, já alfabetizado, para a escolinha particular da professora Eunice Vasconcelos.
1931 – Mudança para Jaboatão.
1934 – Morte do pai quando Paulo tinha 13 anos.
1937 a **1942** – Cursa o Ensino Secundário no Colégio Osvaldo Cruz, do Recife, onde teve seu primeiro emprego, tornando-se, em 1941, professor de língua portuguesa do mesmo.
1943 – Ingressa na Faculdade de Direito do Recife.
1944 – Casa-se com Elza Maia Costa de Oliveira.
1947 – Forma-se Bacharel em Direito.
1947 – Assume a Diretoria da Divisão de Educação e Cultura, do SESI-Pernambuco.
1952 – Nomeado Professor Catedrático da Faculdade de Belas Artes, da Universidade do Recife.
1954 – Foi nomeado Diretor Superintendente do Departamento Regional de Pernambuco do SESI-PE, cargo que ocupou até outubro de 1956.
1960 – Defende Tese e obtém o título de Doutor em Filosofia e História da Educação.
1961 – Foi-lhe conferido o título de Livre Docente da Faculdade de Belas Artes. Tendo perdido o cargo de docente desta Escola, foi nomeado Professor Assistente de Ensino Superior, de Filosofia, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade do Recife.
1962 – Cria e é o primeiro Diretor do Serviço de Extensão Cultural, da Universidade do Recife.
1963 – Realiza a Experiência de Alfabetização de Angicos/RN. Cria as bases do Programa Nacional de Alfabetização, do Governo João Goulart.
1964 – Golpe Militar extingue o Programa Nacional de Alfabetização.
Prisão no Recife.
Asilo na Embaixada da Bolívia, no Rio de Janeiro.
Em setembro parte para a Bolívia.
Em novembro segue para o Chile.
1965 – Publica o livro *Educação como prática da liberdade*.
1967/**1968** – Escreve no Chile o livro *Pedagogia do oprimido*.
1969 – Muda-se para Cambridge, Massachussetts, USA.

1975 / **1970** – Transfere-se para Genebra, Suíça, para trabalhar no Conselho Mundial das Igrejas, passa a "andarilhar" pelos cinco continentes.
1971 – Funda, com outros exilados, o Instituto de Ação Cultural (IDAC), em Genebra; dedica-se de modo especial ao trabalho de educação em alguns países africanos.
1979 – Obtém seu primeiro passaporte e visita São Paulo, Rio de Janeiro e Recife.
1980 – Retorna ao Brasil; leciona na PUC/SP e na Unicamp.
1981 – Participa da fundação do Vereda – Centro de Estudos em Educação – em São Paulo.
1982 – Publica *A importância do ato de ler em três artigos que se completam*, livro que mereceu, em julho de 1990, o "Diploma de Mérito Internacional", concedido pela "International Reading Assocition", na Suécia.
Deste ano até 1992, escreve os "livros falados", isto é, livros nos quais, estimulado por outros educadores, narrava a sua vida e explicitava as suas reflexões.
1986 – Recebe o Prêmio UNESCO da Educação para a Paz. No dia 24 de outubro morre sua primeira esposa, Elza Maia Costa Freire.
1987 – Passa a integrar o júri internacional da UNESCO, que escolhe e premia as melhores experiências de alfabetização do mundo.
1988 – No dia 27 de março, casa-se em cerimônia religiosa, no Recife, com Ana Maria Araújo Hasche e, em 19 de agosto, em São Paulo, em cerimônia civil, quando ela passa a assinar Freire.
1989 – Assume o cargo de Secretário de Educação da cidade de São Paulo.
1991 – Afasta-se da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo para escrever livros. Retorna a lecionar na PUC/SP. Demite-se da UNICAMP.
Participa da criação do Instituto Paulo Freire.
1988/1997 – Volta depois de 10 anos a escrever livros autorais: *Pedagogia da Esperança, Cartas à Cristina: reflexões sobre a minha vida e minha práxis, Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar, Política e educação, À sombra desta mangueira* e *Pedagogia da autonomia*, além de outros com diversos educadores; e inúmeros artigos e conferências.
1997 – Faleceu no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, no dia 2 de maio, vítima de um infarto agudo do miocárdio. Deixou viúva e 5 filhos.